

ORWELL



O Leão e o Unicórnio

o socialismo e o gênio inglês





O Leão e o Unicórnio

o socialismo e o gênio inglês



GEORGE ORWELL

tradução RAFAEL ARRAIS



Sumário

[Prefácio: A vida de George Orwell](#)

[Parte 1: Inglaterra, a sua Inglaterra](#)

[Parte 2: Lojistas em guerra](#)

[Parte 3: A revolução inglesa](#)

[Epílogo: Orwell e a política](#)

[Apêndice: Orwell e Huxley.](#)

Todo conteúdo original (em inglês) é de autoria de George Orwell (Eric A. Blair) e se encontra em domínio público. A tradução do inglês é de Rafael Arrais (2021).

Texto revisado segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Tradução, organização e textos adicionais: Rafael Arrais

Esta é uma edição de Textos para Reflexão

Para conhecer outras obras, visite o blog: textosparareflexao.blogspot.com

Design e diagramação: Ayon

Copyright © 2021 por Rafael Arrais (eBook para eReaders v1.0)

Todos os direitos reservados

Prefácio: A vida de George Orwell

Eric Arthur Blair (1903 – 1950), mais conhecido pelo pseudônimo George Orwell, era um intelectual inglês que usou a arte da literatura para a única razão que ela realmente existe: tentar mudar o mundo para melhor. Ele foi, no sentido mais profundo, um escritor político, alguém que buscou a arte para nos ajudar a crescer mais gentis, mais justos e mais sábios.

Em 1946, um ano após a publicação da sua fábula que logo se tornou imensamente popular, *A Revolução dos Bichos*, ele escreveu um ensaio intitulado *Por que eu escrevo*, onde a sua abordagem da escrita foi detalhada:

O que eu queria realizar ao longo dos últimos dez anos é fazer com que a escrita política virasse uma arte. Meu ponto de partida é sempre um sentimento de partidarismo, um senso de injustiça. Mas quando eu me sento para escrever um livro, não digo para mim mesmo: “Eu vou produzir uma obra de arte”. Eu escrevo porque há alguma mentira que quero expor, algum fato para o qual desejo chamar atenção, e a minha preocupação inicial é conseguir ser ouvido.

Para entender por que Orwell importa, temos de tentar entender o que ele amava, e o que odiava. Contra o que ele se rebelou, e o que ele exaltou. É isso que nos dará a chave para a compreensão da sua obra notável; assim como da sua vida dolorosa, porém profundamente bem sucedida no campo artístico.

Orwell sempre odiou o grupo social do qual ele mesmo era, apesar dos pesares, um membro exemplar: os intelectuais. Desde cedo, ele quis ser um escritor, mas sempre se destacou em nunca realmente se encaixar em emprego algum. Ele nasceu em 1903, na Índia, que era na época uma parte do Império Britânico. Era filho de pais em frágil situação econômica, que lutaram duro para que ele tivesse uma clássica educação inglesa de classe média, e esperavam que ele pudesse se tornar um médico ou um advogado. Quando tinha ainda oito anos de idade, já na Inglaterra, eles o colocaram

em uma escola de educação infantil mesquinha e incapacitante. Mesmo assim, foi de lá que ele acabou conseguindo uma bolsa para estudar em Eton, um colégio tradicional de Berkshire.

No entanto, logo cedo Orwell se voltou contra os valores e o espírito da rede pública de ensino inglês. Ele nunca foi para a universidade, e depois de um período no cargo de policial imperial na Birmânia, ele enfim se estabeleceu na vida do intelectual literário estranho: trabalhava em uma livraria em Hamstead, revisando livros de outras pessoas; e, eventualmente, escrevendo suas próprias obras. Mesmo assim, o desprezo de Orwell pelos intelectuais era uma constante. Ele os acusou de uma série de pecados: falta de patriotismo, inveja do dinheiro e até do vigor físico alheio, frustrações sexuais escondidas, pretensão, desonestidade etc.

Ele sabia disso tudo pelos bastidores do próprio convívio com outros intelectuais, mas a grandeza de Orwell emergiu da forte determinação com a qual ele reconheceu e veio a triunfar sobre tais tendências em si mesmo. “O fato realmente importante sobre a *intelligentsia* inglesa”, ele escreveu uma vez, “é a sua divisão e afastamento da cultura comum do país. Nos círculos de esquerda, sempre senti que há algo um pouco vergonhoso no fato de ser um inglês, e que era um dever rir de cada costume inglês, das corridas de cavalo aos pudins”.

A geração de intelectuais da qual Orwell fazia parte, que havia testemunhado a Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão, estava obcecada por novas doutrinas grandes e abstratas para redimir a humanidade. Alguns eram comunistas fanáticos, outros firmes defensores do capitalismo radical, e alguns estavam admirados com os novos regimes autoritários da Itália, Espanha e Alemanha, e queriam algo semelhante para a Inglaterra. Orwell ouviu, e foi por um breve período seduzido por algumas dessas doutrinas. Mas ele gradualmente veio a defender algo muito mais radical: os gostos, as opiniões, as necessidades e as perspectivas de alguém que ele chamou de “a pessoa comum”.

O conhecimento da vida comum veio um pouco tarde para Orwell. Como um produto típico de uma escola pública inglesa, ele tinha muito pouco contato com qualquer pessoa abaixo da sua própria classe social. Uma tendência que foi reforçada pelo seu temperamento naturalmente introspectivo, dado à leitura, e até mesmo um tanto esquisito. Um amigo o descreveu aos 25 anos como alguém “notavelmente antiquado para a sua

idade”. Mas Orwell se esforçou para compensar sua falta de conhecimento, e aos poucos passou a ser o grande defensor do que ele chamou de vida comum: a vida de pessoas não especialmente abençoadas com bens materiais, que trabalham em empregos comuns, que não têm muita escolaridade, que não vão alcançar a grandeza, mas que, apesar de tudo, amam e cuidam umas das outras, trabalham, se divertem, educam os filhos, e podem até mesmo ter grandes pensamentos sobre questões profundas da existência humana, por vias que Orwell achava especialmente admiráveis.

A jornada de Orwell na vida comum começou na primavera de 1928, quando ele deixou os privilégios de sua classe para trás, e passou a trabalhar em uma série de serviços braçais, nas capitais francesa e inglesa. Experiências que ele estava para contar em seu livro, *Na pior em Paris e Londres*, publicado em 1933. O livro está repleto de carinho e retratos de vida atrás do balcão de hotéis e restaurantes, e exalta a camaradagem, o humor e o calor humano. Narra uma variedade de produtos de limpeza, borrachas de sapato, garçons, cozinheiros, chefs e, de vez em quando, prostitutas. Em suma, era um lado da vida que Orwell ainda sentira a necessidade de investigar.

Em outro livro narrando suas viagens ao redor da indústria de mineração de carvão, no norte da Inglaterra, publicado em 1937 e intitulado *O caminho para Wigan Pier*, Orwell lança um olhar generoso e complexo sobre as pessoas que conheceu, sem nenhum resquício de sentimentalismo barato. Ele concluiu que a pessoa mediana de uma vila de mineração de carvão continha mais inteligência e sabedoria do que qualquer um dos membros do gabinete britânico, ou de uma faculdade em Oxbridge.

Orwell gostou especialmente da falta de pudor e hipocrisia entre as pessoas comuns que ele conheceu. Uma coisa que se percebe quando ele escreve, se olhamos diretamente para as pessoas comuns, especialmente nas grandes cidades, é que elas não são puritanas. Elas são jogadoras experientes, bebem tanta cerveja quanto seus salários permitem, adoram piadas rudes e usam, é bem provável, a linguagem mais suja do mundo. Na época, como hoje, havia muitas informações nos jornais sobre pessoas comuns. Mas Orwell entendeu que tais notícias tendem a transformar as pessoas em abstrações. Assim, ele passou a ver como uma função do seu trabalho, o jornalismo literário, jogar luz sobre os seres humanos por trás

das estatísticas, e assim ajudar a corrigir o preconceito e o racismo estrutural que circulavam por toda parte.

Em um ensaio escrito em uma viagem para Marrakech, Orwell escreveu com sarcasmo sobre a atitude tipicamente neocolonial de viajantes diante dos habitantes locais:

As pessoas aqui têm rostos castanhos. Há tantas delas, elas realmente são da mesma carne que você? Será que elas sequer têm nomes? Ou seriam elas somente um tipo de material marrom indiferenciado, quase tão indivíduos como abelhas ou insetos de coral?

Todas as pessoas que trabalham com as mãos são parcialmente invisíveis. E quanto mais importante é o trabalho que elas fazem, menos visíveis elas são.

O amor de Orwell pelo comum inspirou sua curiosidade sobre uma série de temas muitas vezes não considerados na literatura. Ele escreveu em louvor de histórias em quadrinhos e passeios no campo, de dança, de flores e da culinária inglesa.

Orwell escreveu com ternura em defesa de Charles Dickens, no momento em que este grande escritor era considerado sem cultura e demasiadamente popular para ganhar a estima dos intelectuais. Em um notável ensaio de 1946, *Política e o idioma inglês*, ele se ergueu contra a linguagem típica dos intelectuais, pretensiosa e cheia de palavras longas e chiques, e defendeu uma maneira simples, quase ingênua, de escrita. Ele esboçou uma lista de regras de como escrever bem, que incluiu uma proibição total de palavras extravagantes como “fenômeno”, “categórico” e “inexorável”. Orwell revelou ainda um ódio por palavras estrangeiras, tais como “*status quo*” e “*deus ex machina*”. E concluiu: “Não há realmente nenhuma necessidade para qualquer uma das centenas de frases estrangeiras agora correntes no inglês”.

George Orwell é hoje um nome muito famoso em todo o planeta por conta de dois livros que na realidade desempenharam uma parte bem pequena em sua vida como um todo, ao menos se medirmos por uma escala temporal. Ele publicou *A Revolução dos Bichos* em 1945, quando tinha 42 anos de idade; e publicou *1984* em 1949, aos 45 anos de idade.

Mas ele morreu em janeiro de 1950, com 46 anos. Assim sendo, ele viveu apenas cerca de quatro anos sendo o autor que conhecemos hoje.

Em todo caso, estes dois livros são ancorados no pensamento profundo que Orwell exerceu ao longo de toda a sua vida adulta – sobre como a literatura deveria ser escrita numa época de filmes e comunicação de massa. Em suma, ele sabia que a tarefa de um escritor era assegurar que as ideias mais sérias e profundas pudessem alcançar as camadas populares.

A Revolução dos Bichos é um ensaio político sobre como as revoluções podem ser vítimas de contrarrevoluções, virando as costas para suas próprias ideias originais. A obra chega a mapear razoavelmente o progresso da Revolução Francesa, das Revoluções Europeias de 1848 e, principalmente, da Revolução Russa de 1917. Mas, descrita dessa forma, ninguém além de alguns poucos acadêmicos algum dia se interessaria em lê-la. A genialidade de Orwell estava em atingir o mesmo objetivo através de um formato de fábula, o que encaminhou a sua história até uma audiência de massa; afinal, sua obra poderia ser entendida, como ele mesmo afirmou, por praticamente qualquer um.

Então, Orwell seguiu os passos de Walt Disney e La Fontaine, que consistia em contar uma história sobre seres humanos através de animais. No processo, o autor revelou que os pecados dos revolucionários não estão limitados a pessoas diretamente envolvidas em revoluções de fato. Na verdade, esta é uma possibilidade humana permanente: um dia acreditar piamente nos mais elevados ideais, e depois eventualmente trair todos eles.

Hoje, toda vez que uma revolução dá errado, as pessoas retornam às questões de *A Revolução dos Bichos*, e declaram que a obra estava à frente de seu tempo. Tão preciso! Ora, está é a genialidade da fábula de Orwell: ao cortar todas as referências humanas contemporâneas, Orwell encontrou uma maneira de nos contar sobre nós mesmos em todo e qualquer tempo, inclusive no futuro.

Tendo sido tremendamente bem sucedido em sua reinvenção da fábula, em uma nova e surpreendente explosão de criatividade, Orwell reinventou o romance de ficção científica. Quando menino, ele adorava os romances de H. G. Wells, especialmente *A Máquina do Tempo* e *A Guerra dos Mundos*. Como Wells, ele se apoderou das tendências de seu próprio tempo, e tentou imaginar como elas poderiam se desenvolver no longo

prazo. Seu romance de ficção científica está situado na Pista Número 1 [*Airstrip One*], um lugar outrora conhecido como Grã-Bretanha, mas então uma província do superestado da Oceania – preso em um conflito ideológico perpétuo com dois outros blocos: Eurásia e Lestásia.

Como todos os grandes romances distópicos, o livro de Orwell era uma tentativa de alertar a sua própria sociedade para suas próprias tendências alarmantes. Por exemplo, ele podia ver que o que pode aterrorizar um país não é tanto a tortura pura e simples, ou restrições encobertas à liberdade de expressão, mas um “adormecer” dos cidadãos, através de entretenimento sofisticado e informações vazias de significado – tudo embrulhado em uma referência constante à liberdade.

Assim, em 1984, a sociedade está repleta de novas máquinas intrigantes: telas onipresentes que viciam e, ao mesmo tempo, vigiam constantemente seus cidadãos. Julia, a figura feminina principal do romance, trabalha no departamento do governo conhecido como “Ministério da Verdade”, que distorce sistematicamente o acesso à informação de forma altamente sutil. Para cegar os cidadãos quanto a sua escravidão, Julia opera uma máquina que despeja romances pornográficos, junto com filmes cheios de sexo, e jornais que contém pouca coisa além de esporte, crimes e horóscopos.

As pessoas, no entanto, não sentem que são escravizadas. Como Orwell entendia tão bem, os regimes realmente inteligentes e assustadores do mundo moderno não são aqueles obviamente ditatoriais; eles são democráticos na aparência, e dão aos seus cidadãos a nítida sensação de estarem livres; mas, na realidade, os cegam com excitação sexual constante e distrações sentimentais.

Muito se investigou e debateu os reais posicionamentos políticos de Orwell. Afinal, como poderia um crítico tão potente e certo dos imensos erros do comunismo soviético ser ele próprio um socialista? O tipo de socialismo defendido por Orwell está muito bem descrito em um de seus ensaios políticos, intitulado *O Leão e o Unicórnio: O socialismo e o gênio inglês* (o leão e o unicórnio são símbolos do real brasão de armas do Reino Unido), escrito em plena Segunda Guerra. Neste ensaio, um texto relativamente desconhecido de grande parte dos seus leitores, ele defende uma espécie de “revolução socialista inglesa” como forma de proteção contra a máquina de guerra nazista.

No fim das contas, Orwell teve a sabedoria de fazer a si mesmo notavelmente à prova do futuro. Ele estava cansado de abstrações econômicas e políticas, e começou seu trabalho perto da verdade da vida comum – as realidades do sexo, da comida, do dinheiro, do amor e do prazer. Assim, ele escreveu com total clareza sobre duradouros e eternos temas da natureza humana. Ele é, quem sabe, o mais bem sucedido escritor de língua inglesa do século 20, e nos deu ferramentas para continuar a imaginar o que deve ser a escrita em nosso próprio tempo.

1. Inglaterra, a sua Inglaterra

I

No instante em que escrevo, seres humanos altamente civilizados estão voando sobre mim, tentando me matar.

Eles não nutrem nenhum sentimento de inimizade contra mim enquanto indivíduo, nem eu contra eles. Eles estão “somente cumprindo com o seu dever”, como diz o ditado. Não tenho dúvida de que a maior parte deles é composta de homens de bom coração, respeitadores da lei e que, em suas vidas privadas, jamais poderiam sequer sonhar em cometer um assassinato. Por outro lado, se algum deles conseguir me explodir em pedacinhos com uma bomba bem atirada, certamente não será isso que irá tirar o seu sono. Ele está servindo o seu país, que tem o poder de absolvê-lo de todo e qualquer mal.

É impossível compreender o mundo moderno tal como ele é sem reconhecer a força esmagadora do patriotismo, isto é, da lealdade à nação. Em certas circunstâncias ele pode ruir, em determinados níveis de civilização, nem sequer existe, mas enquanto uma força *positiva*, não há nada que se compare a ele. O cristianismo e o socialismo internacional são frágeis como palha se comparado a ele. Hitler e Mussolini ascenderam ao poder em seus próprios países em grande medida por terem compreendido este fato, ao contrário de seus oponentes.

Além disso, faz-se necessário admitir que as divisões entre as nações estão alicerçadas em diferenças reais de pontos de vista. Até pouco tempo, era considerado apropriado fingir que todos os seres humanos são iguais, mas na realidade quem tem olhos para ver sabe muito bem que o comportamento humano médio tem grandes variações entre um e outro

país. Coisas que poderiam se passar num país jamais ocorreriam noutro. Por exemplo, o expurgo de junho, comandado por Hitler, jamais teria ocorrido na Inglaterra [1]. Já em relação aos povos ocidentais, os ingleses são bastante diferenciados. Há um tipo de admissão tácita disso na aversão que quase todos os estrangeiros sentem pelo nosso modo de vida enquanto nação. São poucos os europeus que suportam viver na Inglaterra e, com certa frequência, até mesmo os norte-americanos sentem-se melhor acomodados no continente europeu.

Quando você regressa à Inglaterra, vindo de qualquer país estrangeiro, logo tem a sensação de estar respirando um ar diferente. Já nos primeiros minutos, dezenas de pequenos detalhes conspiram para dar tal sensação. A cerveja é mais amarga, as moedas pesam mais, a grama é mais verde, os anúncios chamam mais atenção. As multidões nas grandes cidades, com suas faces meio pontudas, dentes ruins e maneiras gentis, são diferentes de uma multidão na Europa. Então a vastidão da Inglaterra o engole e, por algum tempo, você deixa de sentir que toda a nação tem um caráter único e perceptível. Será que existem mesmo nações? Não somos todos 56 milhões de indivíduos inteiramente diferentes? E a diversidade nisso tudo, o caos! O barulho dos tamancos nas cidades industriais de Lancashire, o vai e vem dos caminhões na Great North Road, as filas na frente das Bolsas de Empregos, a algazarra das mesas de pinball nos pubs do Soho, as velhas solteironas pedalando a caminho da comunhão envoltas pela névoa das manhãs de outono – tudo isso não são somente fragmentos, mas fragmentos *típicos* da vida inglesa. Como alguém pode traçar algum padrão em meio à tamanha confusão?

Mas vá falar com algum estrangeiro, ler livros ou jornais de fora, e você será novamente confrontado com o mesmo pensamento. Sim, de fato *há* algo distinto e reconhecível na civilização inglesa. É uma cultura tão única quanto à da Espanha. De algum modo ela está ligada a desjejuns substanciais e domingos melancólicos, cidades enevoadas e estradas sinuosas, campos verdejantes e caixas postais vermelhas. Ela tem um sabor só seu. Além disso, é uma cultura contínua, que se estende pelo futuro e o passado; há nela algo que persiste, próprio de uma criatura viva. O que pode ter em comum a Inglaterra de 1940 e a de 1840? Em todo caso, o que há de comum entre você e a criança de cinco anos na fotografia que

sua mãe exhibe sobre a lareira? Nada, exceto pelo fato de serem a mesma pessoa.

E acima de tudo, é a *sua* civilização, é *você*. Por mais que você a odeie ou ache risível, você jamais será feliz estando afastado dela, não importa por quanto tempo. Os empadões de massa com banha e as caixas postais vermelhas já entraram em sua alma. Para o bem ou para o mal, isso é seu, você faz parte disso e, enquanto viver deste lado da cova, jamais irá se livrar das marcas que essa civilização lhe imprimiu.

Enquanto isso a Inglaterra, juntamente com o resto do mundo, está mudando. E, como tudo o mais, ela só pode mudar em certas direções, que só são previsíveis até certo ponto. Isso não significa dizer que o futuro é fixo, mas somente reconhecer que certas alternativas são possíveis, e outras não. Uma semente pode ou não brotar quando plantada, mas é certo que uma semente de nabo jamais dará origem a uma pastinaca [2]. Assim, é profundamente importante tentar determinar o que *é* a Inglaterra, antes de conjecturar qual papel *ela pode desempenhar* nos imensos eventos que estão transcorrendo.

II

Características nacionais não são algo fácil de definir; e, uma vez definidas, frequentemente não passam de trivialidades, ou parecem não ter nenhuma conexão umas com as outras. Os espanhóis são cruéis com seus animais, os italianos parecem não conseguir produzir coisa alguma sem fazer uma grande algazarra, os chineses são viciados em jogos e apostas. É óbvio que tais características pouco importam por si mesmas. Dito isso, nada existe sem uma causa, e até mesmo o fato de os ingleses terem dentes ruins pode nos revelar alguma coisa acerca do seu dia a dia.

Aqui vão algumas generalizações sobre a Inglaterra que seriam aceitas por quase todos os observadores. Uma delas é que os ingleses não foram abençoados com grandes dotes artísticos. Eles não são tão musicais quanto os alemães ou os italianos, e a pintura e a escultura nunca floresceram na Inglaterra tanto quanto ocorreu na França. Outra é que, se comparados aos europeus do continente, os ingleses não são intelectuais. Eles têm verdadeiro horror ao pensamento abstrato, não sentem qualquer necessidade de buscar alguma filosofia ou “visão de mundo” sistemática. Mas nada disso ocorre por serem “práticos”, como tanto fazem questão de afirmar. Basta examinar os métodos que adotam no planejamento urbano e no suprimento de água, a sua adesão obstinada a tudo quanto é ultrapassado e incômodo, um sistema de ortografia que desafia a análise, e um sistema de pesos e medidas que só é compreensível para os compiladores de manuais de aritmética, para se constatar a ínfima importância que os ingleses dão para a mera eficiência. No entanto, eles têm certa capacidade de agir de maneira irrefletida, sem pensar muito sobre a coisa. Sua mundialmente famosa hipocrisia – como, por exemplo, sua atitude ambígua para com o próprio império – tem muito a ver com isso. Além disso, em momentos de crise suprema a nação inteira é capaz de se unir subitamente, e agir segundo uma espécie de instinto – na realidade um código de conduta compreendido por quase todos, ainda que jamais tenha sido formulado. A expressão que Hitler criou para se referir aos alemães, “um povo sonâmbulo”, seria melhor atribuída aos ingleses.

Não que exista alguma coisa para se orgulhar em ser chamado de sonâmbulo.

Mas aqui vale notar uma peculiaridade dos ingleses que é bastante acentuada, embora pouco se fale dela, que é justamente o amor pelas flores. É uma das primeiras coisas que alguém nota ao chegar à Inglaterra vindo de fora, especialmente quando veio do sul da Europa. Ora, isso não contradiz a indiferença dos ingleses pela arte? Na realidade não, porque se faz presente até mesmo em pessoas sem nenhum pinga de sensibilidade estética. Mas se trata de algo ligado a outra característica inglesa que é de tal forma parte de nós que mal é percebida, isto é, o apego a passatempos e diversões, a *privacidade* da vida inglesa. Somos uma nação de amantes das flores, mas da mesma forma também somos uma nação de colecionadores de selos, criadores de pombos, carpinteiros amadores, cortadores de cupons, arremessadores de dardos e fãs de palavras-cruzadas.

Assim, toda a cultura verdadeiramente nativa gira em torno de atividades que, mesmo quando são feitas em grupo, não são oficiais – o pub [espécie de bar inglês], a partida de futebol, o jardim no quintal de casa, a lareira e a “boa xícara de chá”. Ainda se crê na liberdade do indivíduo, quase como no século XIX. Mas isso não tem nada o que ver com a liberdade econômica, isto é, o direito de explorar os outros visando lucro. Trata-se da liberdade de ter uma casa própria, de fazer o que der na telha com o seu tempo livre, e de escolher os próprios entretenimentos, ao invés de simplesmente se submeter ao que lhe é imposto de cima. A palavra mais odiosa para o ouvido inglês chama-se “bisbilhoteiro”. No entanto, é óbvio que até mesmo essa liberdade estritamente privada é meio que uma causa perdida. Assim como os demais povos da modernidade, os ingleses se encontram no processo de serem numerados, rotulados, recrutados e “coordenados”. Mas a direção de seus impulsos aponta o sentido contrário, de modo que, em consequência, o tipo de recrutamento que se pode lhes impor será de outra natureza. Nada de comícios partidários, movimentos da juventude, camisas coloridas, perseguições aos judeus ou manifestações “espontâneas”. E, certamente, nada de Gestapo.

Mas em todas as sociedades as pessoas comuns têm de viver, ao menos em certa medida, *contra* a ordem estabelecida. A cultura verdadeiramente popular da Inglaterra se dá abaixo da superfície, de forma não oficial, e é mais ou menos malvista pelas autoridades. Algo que se percebe quando se

considera os indivíduos comuns, em especial nas grandes cidades, é que eles não são puritanos. São viciados em jogos e apostas, bebem tanta cerveja quanto seu salário permite, gostam de piadas pornográficas e, em geral, usam provavelmente o linguajar mais sujo do mundo. Eles se veem na necessidade de satisfazer tais inclinações a despeito de leis espantosamente hipócritas (leis para venda de bebidas, loterias etc. etc.), criadas para intervir na vida de todos, embora na prática permitam que tudo ocorra como sempre ocorreu.

Além disso, as pessoas comuns não possuem crenças religiosas bem definidas, e isso se dá há séculos. A Igreja Anglicana jamais chegou a ter real autoridade sobre elas, e as manteve simplesmente como reserva da aristocracia fundiária, enquanto as seitas não conformistas se limitaram a influenciar pequenas minorias. Entretanto, eles preservaram um acentuado matiz de sentimento cristão, ainda que tenham quase se esquecido do próprio nome de Cristo. A adoração do poder, que é a mais nova religião da Europa, e que se espalhou pela intelligentsia inglesa, jamais teve vez entre as pessoas comuns. Elas simplesmente nunca deram muita bola para a política da força. O “realismo” alardeado na imprensa japonesa e italiana as teria deixado horrorizadas.

Alguém pode aprender um bocado sobre o espírito da Inglaterra pelos cartões-postais cômicos que são vistos nas vitrines das papelarias de bairro. Esses cartões constituem uma espécie de diário onde o povo inglês registra a si próprio, mesmo que inconscientemente. Seu visual antiquado, seus esnobismos, sua mistura de obscenidade e hipocrisia, sua extrema gentileza, sua atitude profundamente moral para com a vida, tudo isso pode ser visto nesses postais.

A gentileza e afabilidade da civilização inglesa é, talvez, a sua característica mais marcante. Você pode notar isso assim que põe os pés em solo inglês. É uma terra onde os motoristas de ônibus são afáveis e os policiais sequer portam armas de fogo [3]. Em nenhum outro país habitado majoritariamente por homens brancos é tão fácil abrir caminho com os cotovelos pela multidão. E isso vem juntamente com aquilo que é sempre rotulado pelos observadores europeus como “decadência” ou hipocrisia: o ódio dos ingleses à guerra e ao militarismo. Isso está profundamente enraizado na história, e é muito forte tanto na classe média baixa quanto

entre os operários. As guerras sucessivas chegaram a abalá-lo, mas passaram longe de destruí-lo.

Ainda no tema da memória viva, era comum que os “casacas-vermelhas” fossem vaiados pelas ruas e os donos de pubs respeitáveis proibissem a entrada e soldados em seus estabelecimentos. Nos tempos de paz, mesmo quando havia 2 milhões de desempregados, era difícil completar as fileiras do diminuto exército permanente, onde os oficiais vêm sobretudo da aristocracia rural e de um estrato especializado da classe média, e cujas tropas são formadas por trabalhadores das fazendas e proletários das zonas pobres. Assim, a maioria do povo é inteiramente desprovida de conhecimento ou tradição militares, de modo que eles encaram a guerra com atitude invariavelmente defensiva. Nenhum político inglês conseguiria ascender ao poder prometendo grandes conquistas ou “glórias” militares, e nenhuma “Canção de ódio” jamais conseguiu entusiasmar o povo. Na última guerra, as canções que os soldados criavam e cantarolavam por conta própria não eram nada vingativas, e sim muito bem-humoradas, muitas vezes tirando sarro da própria derrota. O único inimigo que citavam era o primeiro-sargento. Eis um exemplo típico:

*Não quero me alistar no maldito exército,
não quero ir para guerra,
não quero vagar por aí –
antes ficar em casa
vivendo às custas de uma puta.*

(mas, de fato, não foi com esse espírito que lutaram.)

Na Inglaterra todas as exaltações excessivamente patrióticas, na linha da canção *Rule, Britannia!*, são restritas à pequenas minorias. O patriotismo das pessoas comuns não é verbalizado, não é sequer consciente. Entre suas recordações históricas, elas não guardam o nome de uma única vitória militar. A literatura inglesa, assim como as demais, está repleta de poemas de guerra, mas vale destacar que aqueles que ganharam algum tipo de popularidade são todos relatos de desastres e retiradas. Não há nenhum poema popular que fale de Trafalgar ou Waterloo, para citar dois exemplos. O exército de Sir John Moore em Coruña, engalfinhado numa

luta desesperada em sua retaguarda, antes de escapar pelo mar (assim como em Dunquerque!), tem mais apelo que uma vitória brilhante. O poema de guerra em inglês que causa mais comoção popular fala de uma brigada de cavalaria que investiu na direção errada. E, se considerarmos a última guerra, os quatro nomes que de fato foram inscritos na memória do povo foram os de Mons, Ypres, Galípoli e Passchendaele – isto é, sempre um desastre militar. Enquanto isso, os títulos das grandes batalhas que enfim liquidaram os exércitos alemães são simplesmente ignorados pelo público em geral.

A razão pela qual o antimilitarismo inglês causa repulsa nos observadores de fora é que ele ignora a existência do Império Britânico. Parece ser pura hipocrisia. Afinal de contas, os ingleses conquistaram um quarto do mundo, e mantiveram tantos territórios por meio de uma imensa força naval. Como podem então dar meia-volta e praguejar contra a guerra?

É verdade verdadeira que os ingleses são hipócritas em relação ao seu império. Entre os operários, essa hipocrisia toma a forma do próprio desconhecimento da existência de um império. No entanto, seu desdém por exércitos permanentes é um instinto perfeitamente sadio. Comparada ao resto, uma marinha de guerra emprega pouca gente. Além disso, se trata de uma força que atua no exterior, o que não afeta diretamente a política interna. As ditaduras militares existem em toda parte, mas uma ditadura naval é algo desconhecido. O que os ingleses de quase todas as classes abominam, do fundo do coração, é aquela figura do oficial arrogante, junto com o tilintar das esporas e o bater das botas. Décadas antes de ouvirmos falar em Hitler, o termo “prussiano” tinha, em inglês, o mesmo significado do “nazista” de hoje em dia. Esse sentimento é tão profundo que já faz mais de um século que os oficiais do Exército Britânico usam roupas civis quando estão fora do serviço, ao menos em tempos de paz.

Um guia rápido mas razoavelmente seguro da atmosfera social de um país está na observação do tipo de passo que o seu exército adota nas paradas. Afinal, uma parada militar é um tipo de dança ritual, tal como um balé, que expressa certa filosofia de vida. O passo do ganso, por exemplo, é uma das visões mais horripíveis do mundo, bem mais atemorizante do que um bombardeiro em mergulho. Ela é simplesmente uma afirmação de força bruta; em seus movimentos está contida, de uma forma muito

consciente, intencional, a imagem de uma bota pisoteando um rosto. A feiura é parte de sua essência, pois o que diz é: “Sim, *eu sou feio*, e não ouse rir de mim” – é como o valentão que faz caretas para a sua vítima.

Mas por que o passo de ganso não é adotado na Inglaterra? É certo que existem muitos oficiais do exército que adorariam utilizar algo do tipo. Só não é usado porque o povo nas ruas iria rir. Além de certo limite, a exibição militar só é viável em países onde as pessoas comuns não têm coragem de rir do seu exército. Os italianos passaram a usar o passo de ganso na mesma época em que a Itália passou em definitivo para o controle alemão; e, como se poderia presumir, eles não o realizam tão bem quanto os alemães. O governo Vichy, caso sobreviva, está fadado a introduzir no que restar do Exército Francês uma disciplina mais firme e rigorosa em suas paradas. Já no Exército Britânico, a disciplina é rígida e complexa, cheia de resquícios do século XVIII, mas desprovida de qualquer arrogância mais explícita; no final das contas, a marcha não passa de uma caminhada formal. Ela pertence a uma sociedade que foi governada pela espada, não resta dúvida, mas uma espada que não deveria jamais ser desembainhada.

Ainda assim, a afabilidade e a gentileza da civilização inglesa estão mescladas com barbaridades e anacronismos. Nossa legislação criminal é tão ultrapassada quanto os mosquetes da Torre de Londres. Em contraponto à tropa de assalto nazista é preciso colocar essa figura tipicamente inglesa, o juiz da força, um velho valentão cujo espírito ainda está preso ao século XIX, expedindo sentenças rigorosas. Na Inglaterra, as pessoas ainda são enforcadas e submetidas ao açoite. Ambas as punições são tão obscenas quanto cruéis, mas nunca vimos um protesto genuinamente popular contra elas. As pessoas as aceitam (assim como as prisões de Dartmoor e Borstal) quase da mesma forma que toleram o clima. São parte da “lei”, que elas assumem ser inalterável.

Aqui tocamos um traço inglês da maior importância: o respeito pelo constitucionalismo e pela legalidade, a crença na “lei” como algo acima do Estado e do indivíduo; algo cruel e estúpido, é claro, mas de qualquer forma *incorrutível*.

Não é que as pessoas imaginem que a lei seja justa. Todos sabem que há uma lei para o rico e outra para o pobre. Mas ninguém aceita as implicações disso; todos dão por certo que a lei, tal como existe, será

respeitada, e se sentem ultrajados quando não é isso que ocorre. Afirmarções do tipo “Eles não podem me prender; eu não fiz nada de errado” ou “Eles não podem fazer isso; é contra a lei” são parte da atmosfera da Inglaterra. Os inimigos declarados da sociedade possuem tal sentimento tão enraizado quanto qualquer outra pessoa. É o que se percebe em livros sobre prisões, como *Walls Have Mouths* [Os muros têm bocas], de Wilfred Macartney, ou *Jail Journey* [Jornada na prisão], de Jim Phelan, nas solenes idiotices que ocorrem nos julgamentos daqueles que se recusaram a se alistar no exército, assim como nas cartas enviadas aos jornais por eminentes professores marxistas, apontando que isso ou aquilo é uma “falência da justiça britânica”. Todo mundo, lá no fundo, está convencido de que a lei pode, deve ser e, em geral, vai ser aplicada com imparcialidade. A concepção totalitária de que “não há algo como a lei, há somente o poder”, nunca foi capaz de se enraizar. Mesmo a intelligentsia inglesa aceitou isso somente ao nível de teoria.

Uma ilusão pode se tornar uma meia verdade, uma máscara pode alterar a expressão de um rosto. Os argumentos familiares que dizem que a democracia é “a mesma coisa” ou “tão ruim quanto” o totalitarismo jamais levam esse fato em conta. Todos esses argumentos se resumem a afirmar que metade de um pão é o mesmo que nenhum pão. Na Inglaterra, conceitos como justiça, liberdade e verdade objetiva ainda são considerados. Quiçá sejam ilusões, mas são ilusões muito poderosas. A crença neles influencia a conduta das pessoas, de modo que toda a vida nacional é diferente por conta deles. Se você quer uma prova, basta olhar ao redor. Onde estão os cassetetes de borracha? Onde está o óleo de rícino [4]? A espada continua embainhada, e enquanto estiver assim não há como a corrupção ultrapassar certo limiar. O sistema eleitoral inglês, por exemplo, é uma fraude praticamente a céu aberto. Numa dúzia de aspectos óbvios ele é manipulado a favor dos interesses dos mais ricos. Mas até que ocorra uma mudança profunda na mentalidade das pessoas, ele não pode ser *completamente* corrompido.

Afinal, ninguém chega à seção eleitoral e é abordado por homens armados dizendo em quem se deve votar, nem há fraude na contagem dos votos, tampouco vemos qualquer ato direto de suborno. Até mesmo a hipocrisia é uma poderosa salvaguarda. O juiz da força, esse velhote inclinado ao mal, com sua toga escarlate e peruca de crina, a quem só a

dinamite quiçá possa um dia ensinar em que século vive, mas que em todo caso vai interpretar a lei à letra e em nenhuma circunstância aceitará suborno, é uma das figuras simbólicas da Inglaterra. Ele é um símbolo da curiosa mistura de realidade e ilusão, democracia e privilégio, enganação e decência, da sutil rede de compromissos pela qual a nação se mantém firme, em sua forma tão familiar.

III

Nesse tempo todo eu tenho falado em “nação”, “Inglaterra” e “Grã-Bretanha”, como se 45 milhões de almas pudessem de algum modo ser tratadas como uma unidade. Mas não é notório que a Inglaterra é formada por duas nações, a rica e a pobre? Alguém ousa alegar que há algo em comum entre aqueles que têm uma renda de 100 mil libras por ano e os que ganham uma libra por semana? Além disso, os leitores galeses e escoceses devem ter se ofendido por eu ter usado o termo “Inglaterra” mais vezes do que “Grã-Bretanha”, como se toda a sua população residisse em Londres ou nos condados ao redor, e nem a região norte nem a oeste tivessem cultura própria.

Podemos ter uma melhor perspectiva desse tema se antes considerarmos uma questão secundária. É bem verdade que as ditas etnias britânicas sentem que são muito diferentes umas das outras. Um escocês, por exemplo, não vai lhe agradecer caso o chame de inglês. Nossa hesitação a esse respeito é facilmente notada pelo fato de termos nada menos do que seis nomes diferentes para as nossas ilhas: Inglaterra, Bretanha, Grã-Bretanha, Ilhas Britânicas, Reino Unido e, em momentos bem exaltados, Albion. Até mesmo as diferenças entre o sul e o norte da Inglaterra se mostram imensas aos nossos próprios olhos. No entanto, de alguma forma, tais diferenças desvanecem assim que dois britânicos são confrontados por um europeu. É muito raro encontrar um estrangeiro, exceto se for um americano, capaz de distinguir entre ingleses e escoceses, ou mesmo entre ingleses e irlandeses. Para um francês, o bretão e o auvernio parecem seres muitos distintos, e o sotaque dos marseheses sempre foi motivo de piada em Paris. Entretanto, falamos em “França” e “um francês” reconhecendo o país todo como uma entidade, uma civilização única, como realmente é. Acontece o mesmo conosco. Vistos de fora, até mesmo os cockneys e os nativos de Yorkshire aparentam ter forte semelhança familiar.

E até mesmo a distinção entre ricos e pobres arrefece de certa forma quando a nação é considerada de fora. Que há grande disparidade de riqueza na Inglaterra, não resta dúvida. Aqui ela é mais flagrante do que em qualquer outro país europeu, basta ir até a esquina mais próxima para

constatar. Em termos econômicos, a Inglaterra certamente é duas nações, se não três ou quatro. Mas, ao mesmo tempo, a grande maioria das pessoas *se sente* parte de uma só nação, e tem a consciência de assemelharem-se mais umas às outras do que aos estrangeiros. Em geral, o patriotismo é mais forte do que o ódio entre classes, e é sempre mais forte do que qualquer espécie de internacionalismo. A exceção de uma breve ocasião em 1920 (no movimento “Hands off Russia” [Tirem as mãos da Rússia] [5]), a classe trabalhadora britânica jamais pensou ou agiu em âmbito internacional. Ao longo de dois anos e meio eles observaram de longe seus camaradas espanhóis serem lentamente estrangulados e nunca ensaiaram alguma ajuda, nem sequer uma greve (é bem verdade que lhes deram algum apoio financeiro; no entanto os valores arrecadados pelos fundos de ajuda à Espanha não chegaram nem a 5% dos valores movimentados com apostas de futebol no mesmo período).

Porém, quando o seu próprio país (o país de Lord Nuffield e do sr. Montagu Norman [6]) corria perigo, a atitude foi um tanto diferente. No momento em que pareceu provável uma invasão da Inglaterra, Anthony Eden foi ao rádio convocar os Voluntários da Defesa Local [espécie de milícia civil armada]. Ele conseguiu o apoio de 250 mil homens nas primeiras 24 horas, e mais 1 milhão no mês seguinte. Basta comparar tais números, por exemplo, com o total de desertores do serviço militar, para constatar como é imensa a força das lealdades tradicionais em comparação com as novas [7].

Na Inglaterra o patriotismo toma diferentes formas, de acordo com as classes sociais, no entanto está presente como um fio que perpassa e conecta quase todas elas. Somente a intelligentsia europeizada é realmente imune a ele. Como emoção positiva, o patriotismo é mais exacerbado na classe média do que na classe alta – por exemplo, as escolas particulares baratas são mais inclinadas a demonstrações patrióticas do que as mais caras –, mas nela o número de homens ricos traiçoeiros – no estilo de um Pierre Laval ou Vidkun Quisling – é provavelmente bem mais restrito. Dentro da classe trabalhadora, o patriotismo é profundo, porém inconsciente. O coração do trabalhador não palpita mais forte ao ver a bandeira nacional. Mas a célebre “insularidade” e “xenofobia” dos ingleses é bem mais proeminente na classe trabalhadora do que na burguesia.

É verdade que em todos os países os pobres são mais nacionalistas do que os ricos, mas a classe trabalhadora inglesa se destaca por sua aversão aos costumes estrangeiros. Mesmo quando são obrigados a residir no exterior por anos, eles simplesmente se recusam a aprender de fato a língua estrangeira, e muitas vezes jamais se habitua à comida local. Quase todo o inglês vindo da classe trabalhadora considera efeminada a pronúncia correta de uma palavra estrangeira. Durante a guerra de 1914 a 1918, a classe trabalhadora inglesa tomou contato com estrangeiros numa medida que raramente é possível. O único resultado foi que retornaram da guerra com um ódio a todos os europeus, com exceção dos alemães, cuja coragem acharam ser admirável. Nos quatro anos em que estiveram na França, não adquiriram sequer o gosto pelo vinho. A insularidade dos ingleses, sua recusa em levar a sério os estrangeiros, é uma tolice cujo alto preço tem de ser pago de tempos em tempos. Mas ela desempenha seu papel na *mística* inglesa, de modo que os intelectuais que tentaram quebrá-la em geral acabaram fazendo mais mal do que bem. No fundo, se trata da mesma qualidade do caráter inglês que repele o turista e mantém todo invasor fora de suas fronteiras.

Aqui retornamos a duas características inglesas que eu já mencionei, aparentemente ao acaso, no início do último capítulo. Uma delas é a falta de talento artístico. Isso talvez seja outra forma de afirmar que os ingleses se encontram fora da cultura europeia. Pois de fato há uma arte para a qual eles já demonstraram possuir talento abundante, isto é, a literatura. Mas também é a única arte que não pode cruzar fronteiras. A literatura, em especial a poesia, e mais ainda a poesia lírica, é como uma espécie de piada de família, com pouco ou nenhum valor fora do seu grupo linguístico. Exceto por Shakespeare, os melhores poetas ingleses mal são conhecidos na Europa, mesmo que apenas de nome. Os únicos poetas amplamente lidos são Byron, que é admirado por razões erradas, e Oscar Wilde, que é lastimado como uma vítima da hipocrisia inglesa. E ligada a isso, ainda que de um modo não tão óbvio, está a falta de aptidão filosófica: a ausência, em quase todos os ingleses, de qualquer necessidade de um sistema ordenado de pensamento, ou até mesmo do uso da lógica.

Até certo ponto, o sentimento de unidade nacional é um substituto para uma “visão de mundo”. É somente pelo fato do patriotismo ser quase universal, de modo que nem mesmo os ricos escapam da sua influência,

que podem existir momentos em que a nação inteira de repente se move na mesma direção, como um rebanho de gado diante de um lobo. É inequívoco que houve um momento assim quando se deu o desastre na França. Após oito meses de vagas conjecturas acerca do que se tratava a guerra, de uma hora para a outra as pessoas sabiam exatamente o que tinham de fazer: primeiro, retirar o exército de Dunquerque, e depois impedir uma invasão. Foi como se um gigante tivesse despertado. Corra! Perigo! Os filisteus vêm sobre ti, Sansão! E daí a ação repentina e unânime – e então, infelizmente, uma nova recaída no sono. Numa nação dividida, este teria sido o momento exato para o surgimento de um grande movimento pela paz. Mas isso quer dizer que o instinto dos ingleses sempre vai conduzi-los a fazer a coisa certa? De forma alguma, apenas que vai levá-los a fazer a mesma coisa. Por exemplo, nas eleições gerais de 1931 todos fizemos a coisa errada em perfeita sincronia [foi uma derrota eleitoral histórica do Partido Trabalhista]. Fomos tão obstinados quanto os porcos do gadareno [8]. Mas, sinceramente, eu duvido que possamos dizer que fomos empurrados precipício abaixo contra a nossa vontade.

Disso se tira que a democracia britânica não é tanto uma fraude quanto às vezes parece ser. Um observador vindo de fora nota somente a imensa disparidade de riqueza, o sistema eleitoral injusto, o controle da imprensa, do rádio e da educação pela classe governante, e chega à conclusão de que a democracia é simplesmente um nome bonitinho para a ditadura. Mas tal conclusão ignora a considerável concordância que infelizmente se dá entre os governantes e os governados. Por mais que se odeie admitir, é praticamente certo que o Governo Nacional representou a vontade da maioria do povo entre 1931 e 1940. Eles toleraram as zonas pobres e miseráveis, o desemprego e uma política externa covarde. Sim, isso é fato, mas o mesmo ocorreu com a opinião pública. Foi um período de estagnação, e os seus líderes naturais eram medíocres.

A despeito das campanhas de alguns milhares de simpatizantes da esquerda, é quase certo que o grosso dos ingleses apoiava a política externa de Chamberlain. Mais ainda, é quase certo que a mesma luta se dava tanto na mente de Chamberlain quanto na das pessoas comuns. Seus oponentes políticos diziam ver na sua pessoa um conspirador sombrio e ardiloso, que tramava vender a Inglaterra para Hitler, mas é muito mais provável que ele fosse tão somente um velho estúpido fazendo o seu

melhor, de acordo com sua fraca luminosidade de intelecto. É difícil explicar de outra forma as contradições de suas políticas, a sua falha em perceber as opções que se ofereciam à frente. Assim como a maioria do povo, ele não queria pagar o preço, nem da paz e nem da guerra. E a opinião pública esteve sempre ao seu lado, mesmo em políticas que eram inteiramente incompatíveis umas com as outras.

Ela o apoiou quando ele foi a Munique, quando buscou um entendimento com a Rússia, quando ofereceu uma garantia à Polônia, quando a cumpriu e quando, mesmo sem muito entusiasmo, tocou a guerra adiante. Foi somente quando ficaram evidentes os resultados de sua política é que a opinião pública se voltou contra ele; isto é, voltou-se contra a sua própria sonolência nos sete anos anteriores. Diante disso, o povo decidiu escolher um líder mais afinado com o seu ânimo, Churchill, que pelo menos era capaz de entender que não se vence uma guerra sem luta. Quiçá mais adiante eles irão escolher outro líder capaz de entender que só as nações socialistas podem lutar efetivamente.

Dito tudo isso, por acaso eu quero dizer que a Inglaterra é uma democracia genuína? Não. Ora, nem mesmo um leitor do *Daily Telegraph* engoliria essa.

A Inglaterra é o país mais marcado pela divisão de classes que há sob o sol. É uma terra de esnobismo e privilégios, governada sobretudo pelos velhos e imbecis. Ainda assim, qualquer cálculo a seu respeito deve levar em conta a sua unidade emocional, a inclinação de quase todos os seus habitantes a sentir da mesma forma e a agir em conjunto nos momentos de crise suprema. É o único grande país na Europa que não se vê obrigado a condenar centenas de milhares dos seus cidadãos ao exílio ou ao campo de concentração. Neste momento, após cerca de um ano de guerra, jornais e panfletos atacando o governo, exaltando o inimigo e clamando pela rendição estão sendo vendidos pelas ruas, praticamente sem interferência. E isso não se deve tanto a um respeito pela liberdade de expressão quanto à simples percepção de que tais coisas não importam. Assim, é seguro permitir que se venda um jornal como o *Peace News*, porque é muito provável que 95% das pessoas nunca se interessará em lê-lo. A nação está conectada por uma corrente invisível. Em qualquer época normal, a classe dominante irá roubar, fazer má administração, nos sabotar e nos arrastar para lama; mas quando a opinião pública se faz ouvir de fato, quando a

classe dominante recebe um chacoalhão vindo de baixo, tão forte que não pode ignorar, daí fica difícil não haver reação.

Os escritores de esquerda que denunciam a classe dominante como um todo como sendo “pró-fascismo” cometem uma simplificação grosseira e um tanto exagerada. Mesmo entre o círculo interno de políticos que nos conduziram ao transe atual, é improvável que tenha existido algum traidor *consciente*. A corrupção que se passa na Inglaterra raramente é desse tipo. Quase sempre, ela possui a natureza de um autoengano voluntário, do tipo em que a mão direita não sabe o que faz a esquerda. E, sendo inconsciente, ela é limitada. Você nota isso de forma mais óbvia na imprensa inglesa. Ora, a imprensa inglesa é honesta ou desonesta? Em tempos normais ela é profundamente desonesta. Afinal, todos os jornais relevantes vivem de anúncios, e os anunciantes exercem uma censura indireta ao que é publicado. Mesmo assim, eu não creio que exista um único jornal em toda Inglaterra que possa ser subornado diretamente com dinheiro vivo. Na França da Terceira República todos os jornais, com poucas exceções, podiam ser comprados no balcão, como se compra um quilo de queijo. Já a vida pública na Inglaterra nunca foi tão *abertamente* escandalosa. Jamais atingiu o grau de desintegração no qual as aparências já não têm nenhuma importância.

A Inglaterra não é a ilha majestosa dos versos tão citados de Shakespeare, tampouco é o inferno pintado pelo dr. Goebbels. Mais do que tudo isso, ela se assemelha a uma família, uma família vitoriana um tanto sufocante, com não muitas ovelhas negras, mas com todos os armários cheios de esqueletos. Ela tem parentes ricos que necessitam de adulação e parentes pobres horivelmente maltratados; e também há uma profunda conspiração que demanda silêncio a respeito da origem da renda familiar. Trata-se de uma família na qual os jovens são, em geral, frustrados com suas vidas, e onde a maior parte do poder se concentra nas mãos de tios irresponsáveis e tias acamadas. Mesmo assim, é uma família. Tem a sua linguagem própria e suas memórias em comum; e, quando um inimigo se aproxima, ela cerra fileiras e se encastela. Quiçá a frase que chega mais perto de resumir a Inglaterra seja:

Uma família com os parentes errados no controle.

IV

Provavelmente a Batalha de Waterloo *foi* vencida nos campos esportivos de Eton, mas as batalhas de abertura de todas as guerras subsequentes foram perdidas ali. Um dos fatos dominantes da vida inglesa nos últimos 75 anos foi a deterioração da capacidade da classe governante.

Entre os anos 1920 e 1940, isso se deu com a velocidade de uma reação química. No entanto, no momento em que escrevo ainda é possível se falar de uma classe governante. Assim como uma faca cuja lâmina foi substituída duas vezes e o cabo, três vezes, a elite da sociedade inglesa persiste sendo quase a mesma daquela da metade do século XIX. Depois de 1832, os membros da antiga aristocracia fundiária foram perdendo poder ano após ano, mas em vez de desaparecerem ou se tornarem fósseis, simplesmente casaram sua prole com a dos comerciantes, industriais e financistas que vinham tomando o seu lugar, e logo os transformaram em cópias fiéis de si mesmos. O rico dono de navios ou de moleiros de algodão criou para si um álibi como fidalgo do campo, enquanto os seus filhos aprendiam os maneirismos corretos em escolas particulares que foram criadas justamente com esse propósito. A Inglaterra era governada por uma aristocracia constantemente reabastecida com nova gente rica. E considerando a energia que os empreendedores possuíam e, igualmente, considerando que estavam comprando o acesso a uma classe que já tinha toda uma tradição de serviço público, seria de se esperar que ao menos eles pudessem resultar em governantes competentes.

E, mesmo assim, de alguma forma a classe governante decaiu, perdendo sua habilidade, sua ousadia e, finalmente, até mesmo a sua crueldade; até que chegamos na época em que sujeitos presunçosos como Sir Anthony Eden e Lord Halifax conseguiram se destacar como homens de talento excepcional. Quanto a Stanley Baldwin, este nem sequer merece ser chamado de presunçoso. Ele era simplesmente um buraco no ar. A sua incompetência para lidar com os problemas internos da Inglaterra ao longo dos anos 1920 já havia sido suficientemente ruim, mas a política externa britânica entre 1931 e 1939 é uma das maravilhas do mundo. Por quê? O

que se passou? O que houve para que, em cada momento decisivo, todos os estadistas britânicos fizessem a coisa errada com um instinto tão certo?

O fato oculto era que a posição da classe rica como um todo tinha deixado de ser justificável há tempos. Lá estava ela, sentada no centro de um vasto império e de uma rede financeira de abrangência mundial, acumulando juros e lucros e os gastando – em quê? Era justo afirmar que a vida dentro do Império Britânico era, sob muitos aspectos, melhor do que fora das suas fronteiras. Ainda assim, o império era subdesenvolvido, a Índia seguia sonolenta pela Idade Média, os domínios jaziam vazios, com os estrangeiros invejosamente impedidos de entrar, e a própria Inglaterra repleta de zonas pobres, miseráveis e desempregados. Somente em torno de meio milhão de pessoas, que eram os moradores das casas de campo, se beneficiavam de fato do sistema vigente na época. Além disso, a tendência dos pequenos negócios a se fundirem em empresas cada vez maiores foi roubando as classes ricas de suas funções administrativas, tornando-as meras *proprietárias*, enquanto seu trabalho foi ficando a cargo de gerentes e técnicos assalariados. Há tempos existe na Inglaterra uma classe inteiramente desprovida de funções, vivendo do dinheiro investido sabem lá onde, os tais “ricos ociosos”, aquelas pessoas cujas fotografias estampam revistas como *Tatler* e *Bystander*, caso tenha algum interesse nelas. Por qualquer tipo de critério, a existência dessas pessoas era injustificável. Elas não passavam de parasitas, menos úteis à sociedade do que as pulgas são para os cães.

Por volta de 1920, já havia muita gente perfeitamente consciente de tudo isso. Em 1930, elas já somavam milhões. Mas é óbvio que a classe dominante britânica não podia admitir para si mesma que a sua utilidade estava perto do fim. Caso admitisse, teria de abdicar a sua posição. Pois não tinham a opção de se verterem em meros bandidos, tal como os milionários norte-americanos, agarrando-se conscientemente a privilégios injustos e sufocando a oposição com subornos e bombas de gás lacrimogêneo. Afinal de contas, eles eram parte de uma classe com certa tradição, tinham estudado em escolas particulares nas quais o dever de morrer pelo país, caso preciso, é ensinado como o primeiro e o maior de todos os mandamentos. Eles precisavam *se sentir* patriotas de verdade, mesmo enquanto pilhavam seus compatriotas. Era muito claro que só lhes restava uma saída – abraçar a estupidez. Eles só podiam manter a

sociedade em sua atual forma se mantendo *incapazes* de compreender que alguma melhoria seria possível. E, por mais difícil que fosse, eles foram bem sucedidos na empreitada, sobretudo voltando os olhos para o passado e se recusando a notar as mudanças que se passavam ao seu redor.

Isso explica muito da Inglaterra. Isso explica a decadência da vida no campo, muito devido à sustentação de um feudalismo falso que expulsa da terra os trabalhadores mais entusiasmados. Isso explica o imobilismo das escolas particulares, que praticamente não mudaram em nada desde os anos 1880. Isso explica a incompetência militar que chocou o mundo inúmeras vezes. Desde os anos 1850, todas as guerras travadas pela Inglaterra se iniciaram com uma série de desastres, após os quais a situação foi salva pela gente das camadas comparativamente inferiores na escala social. Os comandantes mais graduados, vindos da aristocracia, jamais conseguiram realmente se preparar para a guerra moderna, uma vez que para tal eles antes teriam de admitir para si mesmos que o mundo estava mudando. Eles sempre se agarraram a métodos e armamentos obsoletos, pois era inevitável que vissem cada guerra como uma repetição da guerra anterior.

Assim, diante da Guerra dos Bôeres, eles se prepararam para a Guerra dos Zulus; diante da guerra de 1914, para a Guerra dos Bôeres; e diante do atual conflito, para a guerra de 1914. Ainda neste momento, na Inglaterra, centenas de milhares de homens estão sendo treinados para o uso da baioneta, uma arma inteiramente inútil – a não ser para abrir latas. Também vale notar que a Marinha e, ultimamente, a Força Aérea, sempre se mostraram mais eficientes do que o Exército regular. No entanto, a Marinha está apenas em parte dentro da alçada da classe dominante, e a Força Aérea, quase nada.

Há que se admitir que, ao longo dos tempos de paz, os métodos da classe dominante britânica lhe renderam bons serviços. Era notório que os seus próprios súditos os toleravam. Por mais injusta que fosse a organização da Inglaterra, pelo menos ela não foi dilacerada por conflitos de classe ou apossada pela polícia secreta. O seu império foi pacífico como nenhum outro território de extensão equivalente. Em todos os seus domínios, quase um quarto do planeta, havia menos homens armados do que seria necessário para um pequeno Estado balcânico. De modo que enquanto as populações dominadas a contemplavam meramente de um ponto de vista

liberal e *negativo*, a classe dominante britânica tinha suas qualidades. A verdade é que seus membros eram preferíveis aos homens verdadeiramente modernos, isto é, os nazistas e os fascistas. Mesmo assim, há tempos era óbvio que eles seriam impotentes contra qualquer ataque sério vindo de fora.

Eles não tinham como lutar contra o nazismo ou o fascismo porque não eram capazes de entendê-los. Tampouco seriam capazes de fazer frente ao comunismo, caso o comunismo tivesse se tornado uma força séria na Europa Ocidental. Para entender o fascismo antes precisariam ter estudado a teoria do socialismo, o que os forçaria a se dar conta de que o sistema econômico sob o qual viviam era injusto, ineficiente e obsoleto. Mas era justamente para isso, para evitar reconhecer tal fato, que eles haviam se preparado. Eles lidaram com o fascismo da mesma forma com a qual os generais de cavalaria enfrentaram as metralhadoras em 1940 – ignorando-o por completo. Após anos de agressões e massacres, só tinham entendido um único fato: Hitler e Mussolini eram hostis ao comunismo. Portanto a conclusão era que ambos *deveriam ser* favoráveis aos rentistas britânicos. Daí seguiu-se o espetáculo realmente medonho de parlamentares conservadores comemorando loucamente as notícias de que os navios britânicos, carregados de alimentos para o governo republicano espanhol, tinham sido bombardeados por aviões italianos.

Mesmo quando eles começaram a perceber que o fascismo era perigoso, a sua natureza essencialmente revolucionária, o enorme esforço militar que era capaz de realizar, o tipo de táticas que poderia usar, tudo isso permaneceu ainda muito além da sua percepção. Na época da Guerra Civil Espanhola, qualquer um que tivesse um conhecimento político equivalente ao que se aprende lendo um panfleto barato sobre o socialismo sabia que, caso Franco fosse vitorioso, o resultado seria estrategicamente desastroso para os interesses da Inglaterra. E, no entanto, generais e almirantes que passaram a vida toda estudando as guerras foram inteiramente incapazes de compreender esse fato. Essa veia de ignorância política atravessa toda a vida pública inglesa, afetando ministros de Estado, embaixadores, cônsules, juízes, magistrados e policiais. O policial que prende um “vermelho” não entende as teorias que o “vermelho” prega; acaso entendesse, a sua própria posição como guarda-costas da classe rica quiçá lhe parecesse menos prazerosa. Ora, há motivo para se pensar que até

mesmo a espionagem militar esteja sendo irremediavelmente prejudicada pela ignorância das novas doutrinas econômicas e das ramificações dos partidos clandestinos.

Mas a classe dominante britânica não estava inteiramente errada em crer que o fascismo estava do seu lado. É um fato que qualquer homem rico, exceto pelos judeus, tem menos a temer do fascismo do que do comunismo ou do socialismo democrático. Isso nós nunca podemos esquecer, pois quase toda a propaganda alemã e italiana é projetada para acobertar tal fato. O instinto natural de homens como Sir John Simon, Samuel Hoare e Chamberlain era o de chegar a um acordo com Hitler. Entretanto – e aqui entra o traço peculiar da vida inglesa que mencionei anteriormente, isto é, o profundo sentimento de solidariedade nacional – eles só poderiam alcançar isso por meio da fragmentação do império e da venda de seu próprio povo a um regime de semiescravidão. Uma classe verdadeiramente corrupta faria isso sem hesitar, como na França. Mas na Inglaterra as coisas não tinham chegado tão longe. Os políticos capazes de fazer discursos puxa saco sobre “o dever de lealdade para com os nossos conquistadores” dificilmente são encontrados na vida pública inglesa. Jogados de um lado para outro entre seus rendimentos e seus princípios, era impossível que homens como Chamberlain conseguissem algo além de unificar o pior de ambos os mundos.

Uma coisa que sempre mostrou que a classe dominante inglesa é razoavelmente sadia *em âmbito moral* é que, em tempos de guerra, os seus membros se mostram inteiramente dispostos a morrer. Diversos duques, condes e gente semelhante foram mortos na recente campanha em Flandres. Isso não poderia ocorrer se eles fossem os canalhas cínicos que às vezes são acusados de ser. É importante não interpretarmos mal os seus motivos, ou jamais conseguiremos prever as suas ações. O que se pode esperar deles não é a traição ou a covardia física, mas a estupidez, a sabotagem inconsciente, uma espécie de instinto infalível para fazer a coisa errada. Eles não são maus, ao menos não inteiramente maus; são tão somente incapazes de aprender. Somente quando já não tiverem mais dinheiro e poder é que os mais jovens dentre eles vão começar a compreender em que século estão vivendo.

V

A estagnação do Império Britânico no entreguerras afetou todos os ingleses, mas teve um efeito especialmente direto em duas importantes subdivisões da classe média. Uma era a classe média militarista e imperialista, em geral simbolizada pelo coronel Blimp, e a outra era a intelligentsia de esquerda. Esses dois grupos aparentemente hostis, opostos simbólicos – o coronel ganhando meia pensão, com pescoço de touro e cérebro pequenino, basicamente um dinossauro, e o intelectual de testa larga e pescoço fino como um bambu –, são mentalmente interligados e interagem a todo momento um com o outro; em todo caso, boa parte deles são originários das mesmas famílias.

Há trinta anos, a classe dos Blimps já estava perdendo sua vitalidade. As famílias de classe média celebradas por Kipling – as prolíficas famílias de pouca cultura cujos filhos tornavam-se oficiais do Exército e da Marinha, e perambulavam em todos os recantos desolados da terra, desde o Yukon até o Irrawaddy – já estavam minguando mesmo antes de 1914. O que as matou foi uma coisa chamada telégrafo. Num mundo que se estreitava, cada vez mais governado lá de Whitehall, o espaço para a iniciativa individual minguava ano após ano. Homens como Robert Clive, Horatio Nelson, John Nicholson e Charles George Gordon não teriam lugar no atual Império Britânico. Em torno de 1920, quase todo metro quadrado das posses coloniais estava sob o controle de Whitehall.

Homens bem-intencionados, civilizados em excesso, trajando ternos escuros e chapéus de feltro pretos, com guarda-chuvas cuidadosamente enrolados e pendurados no braço esquerdo, impunham a sua constipada visão de mundo na Malásia e na Nigéria, em Mombaça e Mandalay. Os que haviam erigido o império estavam então reduzidos à condição de meros funcionários, cada vez mais soterrados debaixo de montanhas de papel e regulamentos burocráticos. Já no início dos anos 1920 eram visíveis, em todo o império, aqueles oficiais mais velhos, que tinham conhecido dias mais espaçosos, contorcendo-se impotentes diante das mudanças em curso. Desde então, ficou quase impossível convencer jovens corajosos a desempenhar qualquer tipo de papel na administração

imperial. E o que valia para o mundo do serviço público, valia igualmente para o mundo comercial. As grandes companhias monopolistas abocanharam multidões de pequenos mercadores. Ao invés de se aventurarem em novos negócios nas Índias, terminavam sentados diante de uma mesa de escritório em Bombaim ou Cingapura. E a vida em Bombaim e Cingapura era, para falar a verdade, mais tediosa e sem perigos do que a vida em Londres. Assim, o sentimento imperialista continuou forte na classe média, muito devido à tradição familiar, mas os empregos relacionados à administração do império deixaram de ser atraentes. Poucos homens competentes seguiam para leste de Suez se houvesse algum modo de evitar.

Mas o enfraquecimento geral do imperialismo e, de certo modo, de toda a moral britânica, que se deu nos anos 1930, foi em parte uma obra da intelligentsia de esquerda – uma espécie de cultura que brotou dessa estagnação do império.

Vale notar que nos dias de hoje não existe uma intelligentsia que não seja, num certo sentido, “de esquerda”. Quiçá o último intelectual de direita tenha sido T. E. Lawrence. Desde aproximadamente 1930, todo aquele que se pode descrever como “intelectual” vive em um estado de descontentamento crônico com a ordem atual das coisas. O que era mesmo necessário, uma vez que a sociedade, da forma que estava constituída, não tinha lugar para tal figura. Num império que estava simplesmente estagnado, sem se desenvolver ou ruir em pedaços, e numa Inglaterra governada por pessoas cujo maior atributo era a estupidez, era mesmo suspeito ser “inteligente”. Caso você tivesse o tipo de cérebro capaz de compreender os poemas de T. S. Eliot ou as teorias de Karl Marx, os superiores davam um jeito para que fosse mantido distante de qualquer função importante. De modo que os intelectuais só puderam encontrar alguma função para si nas revistas de crítica literária e nos partidos políticos de esquerda.

A mentalidade da intelligentsia de esquerda da Inglaterra pode ser estudada em meia dúzia de publicações semanais e mensais. Em todas essas publicações, o que imediatamente se destaca é a sua atitude, em geral negativa e lamuriosa, e a sua total e persistente carência de qualquer tipo de sugestão construtiva. Elas trazem pouca coisa além das queixas irresponsáveis de pessoas que nunca ocuparam nem esperam ocupar uma

posição de poder. Outra característica que se destaca é a superficialidade emocional de uma gente que vive num mundo de ideias, e em geral tem pouco contato com a realidade física. Muitos intelectuais de esquerda defendiam um pacifismo um tanto frouxo até 1935. Já entre 1935 e 1939, passaram a defender enfaticamente a guerra com a Alemanha. Daí, quando a guerra finalmente eclodiu, eles logo voltaram a se acalmar. De uma maneira geral, ainda que não em 100% dos casos, a verdade é que as pessoas que eram mais “antifascistas” ao longo da Guerra Civil Espanhola hoje são as mais derrotistas. E, por detrás de todo esse pano de fundo, está o fato realmente importante acerca de tantos membros da intelligentsia inglesa – o seu rompimento, a sua alienação da cultura popular do país.

Ao menos na sua intenção, a intelligentsia inglesa é europeizada. Ela se inspira na culinária de Paris e nas opiniões de Moscou. Em meio ao patriotismo generalizado do país, ela ergueu uma espécie de ilha de pensamento dissidente. Talvez a Inglaterra seja o único grande país cujos intelectuais se envergonham da sua própria nacionalidade. Nos círculos de esquerda, sempre paira o sentimento de que há certa desgraça em ser inglês, e que é um dever zombar de todas as instituições inglesas, das corridas de cavalos aos empadões massudos. Sim, é um fato estranho, mas é também uma verdade inquestionável que quase todo intelectual inglês sentiria mais vergonha de ficar em posição de sentido durante a execução do hino *God Save the King* do que ser flagrado roubando uma caixinha de esmolas.

Ao longo de todos os anos mais críticos, muitos da esquerda se empenharam em desgastar o moral inglês, buscando disseminar uma perspectiva por vezes irresolutamente pacifista, noutras vezes violentamente pró-Rússia, mas sempre antibritânica. É questionável qual foi o efeito disso, mas decerto teve algum. Se o povo inglês sofreu por diversos anos de um real declínio moral, a ponto das nações fascistas julgarem que ele era “decadente”, e que era seguro deflagrar uma guerra, a sabotagem intelectual promovida pela esquerda foi parcialmente responsável. Tanto o *New Statesman* como o *News Chronicle* protestaram contra o acordo de Munique, mas eles mesmos haviam feito algo para torná-lo possível. Ora, dez anos de sistemática perseguição aos Blimps afetou até mesmo os próprios Blimps, e fez com que fosse ainda mais difícil convencer os jovens inteligentes a ingressarem nas forças armadas.

Devido à estagnação do Império Britânico, a classe média militar acabaria se degradando de qualquer forma, mas a difusão de um esquerdismo raso só fez acelerar todo o processo.

Hoje está muito claro que a posição especial dos intelectuais ingleses no decorrer dos últimos dez anos, enquanto criaturas puramente *negativas*, meros anti-Blimps, foi um subproduto da estupidez da classe governante. A sociedade não tinha uso para eles, e eles não tinham como perceber que a devoção ao próprio país implica o “para o melhor e para o pior”. Tanto os Blimps quanto os intelectuais estavam certos, como se fosse uma lei natural, que havia um divórcio entre o patriotismo e a inteligência. Se você fosse um patriota, devia ler a *Blackwood's Magazine* e agradecer publicamente a Deus por ser alguém “não cerebral”. E se fosse um intelectual, devia caçoar baixinho da bandeira nacional, e considerar a coragem em combate um tipo de barbarismo. É claro que essa convenção ridícula não tem condições de seguir adiante. O intelectual de Bloomsbury, com sua risadinha mecânica, é tão ultrapassado e antiquado quanto o coronel da cavalaria. Uma nação moderna não pode se dar ao luxo de seguir com nenhum dos dois. O patriotismo e a inteligência vão ter de se reencontrar e fazer as pazes. E o que pode tornar isso viável é o fato de estarmos em guerra – e um tipo de guerra muito peculiar.

VI

Um dos desenvolvimentos mais importantes na Inglaterra ao longo dos últimos vinte anos foi a extensão da classe média, tanto para cima quanto para baixo. Isto se deu em tal escala que fez com que a antiga divisão da sociedade entre capitalistas, proletários e pequenos-burgueses (ou pequenos proprietários) se tornasse praticamente obsoleta.

A Inglaterra é um país onde a propriedade e o poder financeiro estão concentrados em pouquíssimas mãos. Na Inglaterra moderna poucas pessoas possuem algo além de roupas, móveis e, quem sabe, uma casa. Os camponeses já desapareceram há tempos, os lojistas independentes vêm sendo aniquilados, e os pequenos empresários vêm diminuindo ano após ano. Entretanto, ao mesmo tempo, a indústria moderna possui tamanha complexidade que não consegue ser tocada adiante sem uma enorme quantidade de gerentes, vendedores, engenheiros, químicos e técnicos de todo tipo; e toda essa gente recebe salários relativamente altos. Ora, são justamente tais salários que tornam possível uma classe de profissionais, como médicos, advogados, professores, artistas etc. Dessa forma, a tendência do capitalismo avançado tem sido a de ampliar a classe média, e não de exterminá-la, como antes parecia ser provável.

Dito isso, bem mais importante é a difusão das ideias e dos hábitos da classe média entre a classe operária. A classe dos trabalhadores britânicos se vê hoje numa situação melhor, em praticamente todos os aspectos, do que há trinta anos. Isso se deve em parte aos esforços dos sindicatos, mas igualmente em parte ao simples avanço das ciências físicas. Nem sempre é levado em conta que, dentro de limites bem estreitos, o padrão de vida de um país pode se elevar sem um aumento correspondente no valor real dos salários. Até certo limite, a civilização consegue se erguer através dos seus próprios esforços. Ou seja, ainda que uma sociedade se organize de forma injusta, avanços técnicos específicos estão fadados a beneficiar a comunidade como um todo, uma vez que certos tipos de bens são necessariamente mantidos em comum.

Por exemplo, um milionário não pode mandar iluminar as ruas para si mesmo e, ao mesmo tempo, manter os demais moradores na escuridão. De

modo que quase todos os cidadãos dos países civilizados hoje têm acesso a boas estradas, água sem germes, proteção policial, bibliotecas públicas e, provavelmente, de alguma espécie de educação gratuita. A educação pública na Inglaterra tem sido privada de recursos de maneira um tanto mesquinha, mas mesmo assim vem melhorando, sobretudo por conta dos esforços e da dedicação dos professores. Hoje o hábito de leitura tornou-se amplamente difundido, de modo que os ricos e os pobres vêm lendo cada vez mais os mesmos livros – e, igualmente, assistindo os mesmos filmes e ouvindo os mesmos programas de rádio. Mesmo as diferenças em seus modos de vida foram aplainadas graças à produção em massa de roupas baratas e às melhorias nas habitações em geral. Assim, se forcarmos somente na aparência externa, as roupas dos ricos e dos pobres, em especial das mulheres, têm hoje bem menos diferenças visíveis do que há trinta ou até mesmo quinze anos.

Quanto há habitação, a Inglaterra ainda tem zonas de cortiços que são uma mácula na civilização, mas ao longo da última década foram erguidas muitas construções novas, sobretudo pelas autoridades locais. As recentes moradias sociais, com banheiros e luz elétrica, são bem menores do que as casas dos corretores da Bolsa de Valores, mas ainda assim são reconhecidamente o mesmo tipo de habitação, o que não é o caso das cabanas dos trabalhadores rurais. Uma pessoa que cresceu numa moradia social tem maior probabilidade de ter – e é visível que *tem* – uma perspectiva de vida mais ligada à classe média do que alguém que cresceu em algum cortiço de zonas pobres.

O efeito disso tudo é um abrandamento geral dos costumes. O que é reforçado pelo fato dos métodos industriais modernos terem a tendência de requerer cada vez menos esforço muscular; dessa forma, as pessoas terminam a jornada de trabalho com mais energia do que antes. Muitos dos empregos nas indústrias leves são, na realidade, de trabalhadores verdadeiramente menos manuais do que um médico ou um marceneiro. Em seus gostos, hábitos, condutas e perspectivas, a classe trabalhadora e a classe média estão se aproximando. É claro que prevalecem as distinções injustas, mas as diferenças reais diminuem ano após ano. O velho estilo “proletário” – sem colarinho, com barba por fazer e músculos definidos pelo peso do trabalho – ainda existe, mas vem diminuindo em número;

hoje ele só predomina nas regiões de indústria pesada ao norte da Inglaterra.

Após 1918 começou a surgir algo que nunca tinha existido na Inglaterra: pessoas de classe social indeterminada. Em 1910, cada ser humano habitando essas ilhas podia ser imediatamente “situado” por conta de sua roupa, maneiras e sotaque. Hoje isso já não é mais verdade. Acima de tudo, não é o que ocorre nos novos núcleos urbanos que surgiram como resultado dos carros a motor baratos e do deslocamento das indústrias para o sul. Os locais onde devemos buscar os germes da Inglaterra do futuro são as regiões de indústria leve e as margens das artérias rodoviárias. Em Slough, Dagenham, Barnet, Letchworth, Hayes – de fato, em qualquer lugar nos arredores das grandes cidades –, o antigo padrão vem gradualmente se transformando em algo novo. Nessas novas vastidões de vidro e tijolos, as distinções típicas do modelo mais antigo de cidade, com cortiços e mansões, ou do campo, com casarões e cabanas de madeira, já não existem mais. Há um amplo espectro de renda, mas em seus vários níveis há um mesmo modelo de vida sendo vivido, seja em apartamentos humildes ou em moradias sociais, à beira das estradas de concreto ou na democracia das piscinas públicas.

Trata-se de uma vida um tanto corrida e destituída de cultura, girando em torno de comida enlatada, da *Picture Post*, do rádio e do motor a combustão interna. É uma civilização onde as crianças crescem com íntimo conhecimento dos magnetos e total ignorância da *Bíblia*. A tal civilização pertencem as pessoas que ficam mais à vontade no mundo moderno, e que definitivamente *fazem parte* dele: os técnicos e trabalhadores especializados mais bem remunerados, os aviadores e os seus mecânicos, os especialistas em rádio, os produtores de cinema, os jornalistas populares e os químicos industriais. Eles são o estrato indeterminado no qual as mais antigas distinções de classe estão começando a desaparecer.

Esta guerra atual, a menos que sejamos derrotados, vai eliminar a maioria dos privilégios de classe existentes. A cada dia há menos pessoas que desejam que eles prossigam existindo. Também não temos nenhum motivo para temer que, à medida que esse novo padrão altere a vida cotidiana, a Inglaterra vá perder o seu sabor peculiar. As novas cidades de tijolos vermelhos da Grande Londres ainda são um tanto brutas, mas isso

não passa da erupção superficial que acompanha qualquer mudança. Seja em qual formato a Inglaterra emergja desta guerra, ela ficará profundamente marcada pelas características que já mencionei anteriormente. Os intelectuais que têm a esperança de ver o país russianizado ou germanizado vão se decepcionar. A gentileza, a afabilidade, a hipocrisia, a irreflexão, a reverência à lei e a aversão aos uniformes vão subsistir, juntamente com os empadões massudos e os céus nublados.

Afinal, seria necessário um desastre imenso, como a sujeição prolongada a um inimigo externo, para que toda a cultura nacional fosse aniquilada. A Bolsa de Valores vai ser posta abaixo, o arado puxado por animais dará lugar ao trator, as luxuosas casas de campo irão se transformar em colônias de férias para crianças, as partidas de críquete entre Eton e Harrow cairão no esquecimento, mas a Inglaterra continuará sendo a Inglaterra, um animal perpétuo esticando-se rumo ao futuro e ao passado, e, como todos os seres vivos, tendo o poder de mudar ao ponto de sua nova forma ser irreconhecível – e, ao mesmo tempo, permanecendo a mesma.

2. Lojistas em guerra

I

Eu comecei este livro sob a sinfonia das bombas alemãs, e inicio esta segunda parte em meio ao barulho adicional do fogo de barragem antiaéreo. Os raios de luz amarelada dos holofotes cintilam pelo céu, os estilhaços chacoalham nos telhados das casas, e a Ponte de Londres está caindo, está caindo, está caindo [9]. Qualquer um que saiba ler um mapa sabe que estamos em perigo mortal. Com isso não quero dizer que já estamos derrotados, tampouco que seremos. É quase certo que o resultado da guerra vai depender da nossa própria vontade. Só que neste momento estamos em perigo, mergulhados até o pescoço. Nós chagamos neste ponto por conta das tolices que continuamos cometendo, e elas irão nos afogar a todos se não nos corrigirmos o mais rapidamente possível.

O que esta guerra nos demonstrou é que o capitalismo privado – isto é, um sistema econômico onde terras, fábricas, minas e o transporte são de propriedade privada e visam exclusivamente o lucro – *não funciona*. Ele não consegue entregar os bens prometidos. Há tempos tal fato é conhecido por milhões de pessoas, mas nunca se fez nada a respeito, porque jamais houve um impulso real vindo de baixo para modificar o sistema, e aqueles no topo foram treinados para ser irremediavelmente estúpidos justamente em relação a esse ponto. Argumentos e propaganda não levaram a nada. Os senhores proprietários simplesmente se acomodaram em seus traseiros e proclamaram que tudo foi feito visando o melhor, que tudo daria certo no fim. No entanto, a conquista da Europa por Hitler foi um desmascaramento *físico* do capitalismo. Afinal a guerra, a despeito de todo o seu mal, é um evidente teste de força, como um daqueles brinquedos de

parque de diversões que mede a força do seu aperto de mão. Só se recupera a moedinha com um aperto muito forte, e não há como falsificar o resultado.

Quando a hélice de propulsão naval foi inventada, houve uma controvérsia que se estendeu por anos: o que seria melhor, os vapores movidos a hélice ou aqueles movidos com rodas de pás? Bem, os vapores movidos com rodas de pás, assim como todas as coisas obsoletas, ainda tinham os seus defensores, e eles os apoiavam com argumentos bem engenhosos. No fim das contas, um distinto almirante amarrou a popa de um vapor com rodas de pás à popa de um vapor a hélice, ambos com caldeiras de potência equivalente, e ligou os motores. Isso resolveu aquela questão de uma vez por todas. E algo muito parecido se deu nos campos de batalha da Noruega e de Flandres. De uma vez por todas se comprovou que uma economia planificada [centralizada no Estado] é mais forte do que uma economia não planificada. Mas aqui se faz necessário dar algum tipo de definição para esses termos tão maltratados: socialismo e fascismo.

Socialismo é usualmente definido como “a propriedade comum dos meios de produção”. Em resumo grosseiro: o Estado, representando toda a nação, é dono de tudo, e todos são empregados do Estado. Isso *não* quer dizer que as pessoas são despojadas de seus pertences privados, como roupas e móveis, mas *certamente* significa que todos os bens produtivos, como terras, minas, navios e máquinas, são de propriedade do Estado. Assim, o Estado é o único produtor de larga escala. Não se pode ter certeza que o socialismo é superior ao capitalismo em todos os aspectos, mas é certo que, ao contrário do capitalismo, ele é capaz de resolver os problemas de produção e consumo. Em tempos normais, uma economia capitalista nunca consegue consumir tudo o que é produzido, e por isso sempre há desperdício de excedentes (como o trigo incinerado em fornalhas, arenques jogados de volta ao mar etc. etc.) e, igualmente, sempre há desemprego. Em tempos de guerra, por outro lado, a economia capitalista tem dificuldade em fabricar tudo o que necessita, pois nada é produzido sem que alguém tenha como obter algum lucro.

Já em uma economia socialista esses problemas não existem. O Estado simplesmente faz o cálculo de quais bens serão necessários e dá o seu melhor para produzi-los. Dessa forma, a produção é limitada somente pela quantidade de mão de obra e de matérias-primas disponíveis. O dinheiro,

para assuntos internos, deixa de uma coisa misteriosa, onipotente, e se transforma numa espécie de cupom ou tíquete de racionamento, distribuído em quantidade suficiente para a aquisição daqueles bens de consumo disponíveis no momento.

No entanto, ficou claro nos últimos anos que a “propriedade comum dos meios de produção” não é, por si só, uma definição suficiente do socialismo. Também se faz necessário acrescentar algumas outras: a igualdade de renda aproximada (não precisa ser mais do que uma aproximação), a democracia política e a abolição de todo e qualquer privilégio hereditário, em especial na educação. Essas são simplesmente as salvaguardas necessárias contra o ressurgimento de algum sistema de classes. A propriedade centralizada faz muito pouco sentido a menos que a maioria do povo esteja vivendo aproximadamente no mesmo nível e possa exercer alguma espécie de controle sobre o governo. Assim, o “Estado” pode vir a significar nada além de um partido político que elegeu a si mesmo, abrindo espaço para o retorno das oligarquias e dos privilégios de classe, só que dessa vez baseados no poder, e não mais no dinheiro.

Mas então o que é o fascismo?

O fascismo, pelo menos na sua versão alemã, é uma forma de capitalismo que empresta do socialismo tão somente aquelas características que o tornam eficiente nas questões de guerra. Em seu lado interno, a Alemanha tem muito em comum com um Estado socialista. Bem, é verdade que lá a propriedade nunca foi abolida, ainda existem capitalistas e trabalhadores e – aqui está o ponto vital, o verdadeiro motivo por que os ricos de todo o mundo tendem a simpatizar com o fascismo –, de maneira geral, os capitalistas e os trabalhadores continuam a ser as mesmas pessoas de antes da revolução nazista. Dito isso, ao mesmo tempo o Estado detém o controle de tudo, e o Estado é simplesmente o Partido Nazista. Ele controla os investimentos, as matérias-primas, as taxas de juros, o tempo da jornada de trabalho e o valor dos salários. O dono da fábrica continua sendo dono da sua empresa; mas, na prática, foi reduzido ao posto de gerente. De fato, todos são empregados do Estado, mesmo persistindo uma enorme variação salarial. A mera *eficiência* de um sistema desse tipo, com a eliminação dos desperdícios e obstruções, é algo óbvio. Em sete anos ele construiu a mais poderosa máquina de guerra que o mundo já viu.

Mas a ideia por trás do fascismo é irreconciliavelmente diversa daquela que está por trás do socialismo. O socialismo deseja, em última instância, alcançar um Estado mundial de seres humanos livres e iguais. Ele se alicerça na própria igualdade de direitos humanos. Já o nazismo pressupõe o oposto. A força impulsora por detrás do movimento nazista é a crença na *desigualdade* humana, na superioridade dos alemães sobre todos os demais povos, no direito da Alemanha a governar o mundo. Fora do Reich alemão, ele não reconhece nenhuma obrigação. Eminentemente professores nazistas “provaram” inúmeras vezes que somente o homem nórdico é inteiramente humano, chegando até mesmo a considerar a ideia de que os povos não nórdicos (como nós) poderiam ser cruzados com gorilas!

Assim, ainda que uma espécie de socialismo-de-guerra exista no Estado alemão, a sua atitude para com as nações conquistadas é claramente a de um explorador. A função dos tchecos, franceses, poloneses etc. é simplesmente a de produzir os bens que a Alemanha precisa, e receber em troca o mínimo possível, só o suficiente para evitar uma revolta popular e aberta. Caso a Inglaterra seja conquistada, nossa tarefa provavelmente será fabricar armamentos para as guerras iminentes de Hitler contra a Rússia e os Estados Unidos. De fato, os nazistas buscam estabelecer uma espécie de sistema de castas, com quatro castas principais muito parecidas com as castas do hinduísmo. No topo se encontra o Partido Nazista, em seguida vem a massa do povo alemão, depois as populações europeias conquistadas; e, em quarto e último lugar, vêm os povos de cor – ou, como Hitler os chama, os “semimacacos” –, que devem ser abertamente reduzidos à condição de escravos.

Por mais horrível que possa parecer um sistema como esse, *ele funciona*. Funciona porque se trata de um sistema planejado, ajustado para alcançar um propósito definido, a conquista do mundo, sem dar espaço para que qualquer interesse particular, seja do capitalista ou do trabalhador, fique em seu caminho. O capitalismo britânico não funciona, porque é um sistema competitivo onde o lucro privado é e deve ser o principal objetivo. É um sistema onde todas as forças puxam em direções opostas e os interesses do indivíduo com certa frequência não são totalmente opostos aos interesses do Estado.

Ao longo de todos os anos críticos o capitalismo britânico, com seu imenso parque industrial e seu incomparável suprimento de mão de obra

qualificada, não esteve à altura do esforço de preparação para a guerra. Para se preparar para a guerra na escala moderna é preciso utilizar a maior parte da renda nacional para produzir armamentos, o que significa cortar parte da produção dos bens de consumo. Por exemplo, um avião bombardeiro custa o equivalente a 50 automóveis pequenos, ou a 80 mil pares de meias de seda, ou a 1 milhão de pães. Assim, é claro que não se pode ter *muitos* bombardeiros sem uma queda do padrão de vida no país. Ou você escolhe armas ou manteiga, como dizia o marechal Goering. Mas na Inglaterra de Chamberlain tal transição não podia ser feita. Os ricos não aceitariam os impostos necessários e, embora os ricos ainda continuem claramente ricos, também não é viável taxar os pobres muito pesadamente. Além disso, conforme o *lucro* prosseguiu sendo o objetivo principal, o fabricante não teve nenhum incentivo para passar dos bens de consumo aos armamentos.

Ora, o primeiro dever de um empresário é para com os seus acionistas. Talvez a Inglaterra até precise de tanques de guerra, no entanto a produção de carros de passeio talvez seja mais rentável. Impedir que o material de guerra caia em mãos inimigas é um senso comum, mas vendê-lo pelo melhor preço no mercado é um dever comercial. Até o fim de agosto de 1939, os mercadores britânicos estavam se atropelando uns aos outros na ânsia de vender à Alemanha estanho, borracha, cobre e goma-laca – e isso tudo com o conhecimento claro e cristalino de que a guerra iria começar em uma ou duas semanas. Isso era tão sensato quanto vender uma lâmina de barbear a alguém que quisesse cortar sua garganta. Mas era um “bom negócio”.

E agora observe as consequências. Após 1934, era sabido que a Alemanha estava se rearmando. Após 1936, qualquer um com olhos para ver sabia que a guerra estava chegando. Depois de Munique, já se tratava meramente de saber quando ela iria começar. Em setembro de 1939 a guerra estourou. *Oito meses depois*, foi constatado que, no que tange o equipamento de guerra, o Exército britânico era algo melhor do que o padrão de 1918 – quase equivalente. Nós vimos nossos soldados lutando desesperadamente até o litoral, com cada avião combatendo outros três, usando fuzis contra tanques e baionetas contra metralhadoras. Sequer havia quantidade suficiente de revólveres para suprir todos os oficiais. Passado um ano de guerra, o exército regular continuava lidando com a

falta de 300 mil capacetes de metal. E, antes disso, foi registrada até mesmo a falta de fardas – mesmo num dos maiores países produtores de artigos de lã do mundo!

O que se passou é que toda a classe endinheirada, não querendo encarar uma mudança em seu estilo de vida, havia fechado os olhos para a natureza do fascismo e da guerra moderna. Além disso, um falso otimismo foi estimulado no público em geral pela imprensa marrom, que vive de seus anunciantes, e por isso tem todo o interesse em manter as condições normais do seu negócio. Ano após ano, os jornais de Lord Beaverbrook nos garantiam, em manchetes gigantescas, que NÃO HAVERÁ GUERRA; e, até mesmo no início de 1939, Lord Rothermere ainda descrevia Hitler como “um grande cavalheiro” [10]. E assim, enquanto a Inglaterra, em seu momento de desastre, revelava ter deficiência de todo o tipo de material bélico (com exceção de navios), não havia registros de qualquer escassez de carros de passeio, casacos de pele, gramofones, batons, chocolates ou meias de seda.

Ora, e por acaso alguém ousaria discordar que persiste até hoje o mesmo cabo de guerra entre o lucro privado e a necessidade pública? A Inglaterra luta pela sua vida, mas os negócios devem lutar pelos lucros. Hoje você dificilmente abre um jornal sem ver esses dois processos contraditórios ocorrendo lado a lado. Na mesma página, podemos ver o governo nos incentivando a poupar e o vendedor de algum artigo de luxo inútil nos incentivando a gastar:

Contribua com a Defesa, mas Guinness [cerveja] é Boa para Você. Compre um Spitfire [avião de caça], mas compre também um Haig and Haig [uísque], um Creme Facial Pond's e Chocolates Black Magic.

No entanto, ainda resta uma esperança – a guinada visível da opinião pública. Se nós sobrevivermos a esta guerra, a derrota em Flandres vai terminar sendo um dos grandes pontos de virada na história inglesa. Em tal desastre espetacular, a classe trabalhadora, a classe média e até mesmo uma parte da comunidade empresarial puderam constatar a completa podridão do capitalismo privado. Antes disso, as alegações contra o capitalismo jamais tinham sido *comprovadas*. A Rússia, o único país definitivamente socialista, era atrasada e distante. Todas as críticas se

desmontavam contra o sorriso irônico dos banqueiros e a gargalhada dos corretores de ações:

Socialismo? Ha! Ha! Ha! E de onde vai sair o dinheiro? Ha! Ha! Ha!

Fato é que os senhores proprietários estavam firmes em seus assentos, e sabiam muito bem disso. Mas, após o colapso francês, surgiu algo que já não se podia fazer sumir com risos, algo contra o qual nem os talões de cheque nem os policiais tinham qualquer utilidade – o bombardeio.

Zuuueee – BOOM!

O que foi isso? Ah, não foi nada não, somente uma bomba que atingiu a Bolsa de Valores.

Zuuueee – BOOM!

E lá se foi outro quarteirão pro espaço, com os rentáveis prédios de cortiços de algum proprietário. Seja como for, Hitler vai entrar para a história como o homem que fez a cidade de Londres engasgar com o próprio riso. Pela primeira vez na vida, os que sempre viveram no conforto se sentiram desconfortáveis, e os profissionais do otimismo se viram forçados a admitir que havia realmente algo errado. Foi um grande passo adiante. Desde então, a tarefa medonha de tentar convencer pessoas artificialmente entorpecidas de que uma economia planificada poderia ser melhor do que uma luta-livre generalizada onde vencem sempre os piores nunca mais seria tão medonha outra vez.

II

Em essência, a diferença entre o socialismo e o capitalismo não é uma diferença técnica. É impossível mudar de um sistema para o outro como se instala uma peça de máquina numa fábrica e, logo depois, tentar seguir como antes, com as mesmas pessoas nas posições de controle. Obviamente que há também a necessidade de uma mudança completa no poder. Novo sangue, novos homens, novas ideias – no verdadeiro significado da palavra: uma revolução.

Anteriormente eu falei sobre a robustez e a homogeneidade da Inglaterra, o patriotismo que conecta quase todas as classes. Após Dunquerque, isto se tornou evidente a qualquer um que tivesse olhos para ver. No entanto, é absurdo supor que a promessa desse momento foi cumprida. Hoje, é quase certo, a maioria da população está pronta para as enormes mudanças que se fazem necessárias; mas elas nem sequer começaram a ocorrer.

A Inglaterra é uma família com os parentes errados no controle. Somos governados quase que totalmente pelos ricos e pelas pessoas que assumem posições de comando por hereditariedade. Poucas, quiçá nenhuma dessas pessoas são conscientemente traiçoeiras, algumas não são sequer estúpidas; porém, enquanto classe, elas são um tanto incapazes de nos levar à vitória. Não seriam capazes ainda que os seus interesses materiais não as fizessem tropeçar a cada passada. Como já disse antes, elas foram artificialmente entorpecidas. Além de qualquer outro motivo, a lei do dinheiro garante que sejamos governados sobretudo pelos velhos – ou seja, por gente totalmente inapta para compreender a época em que vivem ou o inimigo contra o qual estão lutando.

No início desta guerra não houve nada mais desolador do que a maneira pela qual a geração mais velha como um todo conspirou para fingir que tudo se tratava de uma mera repetição da guerra de 1914 a 1918. Todos os antigos espantalhos voltaram ao trabalho, vinte anos mais velhos, com o crânio ainda mais calvo. Ian Hay elevava o moral das tropas, Belloc escrevia artigos sobre estratégia, Maurois falava no rádio, Bairnsfather desenhava cartuns. Era como um chá das cinco dos fantasmas. E esse

estado das coisas pouco se alterou. O choque do desastre trouxe à linha de frente uns poucos homens competentes, como Bavin, mas no geral ainda somos comandados por gente que passou pelos anos de 1931 a 1939 sem sequer perceber que Hitler era um homem perigoso. Uma geração de pessoas incapazes de aprender para a nossa volta como um colar de defuntos.

No momento em que paramos para examinar qualquer problema desta guerra – e não importa se se refere a aspectos mais amplos da estratégia ou a pequenos detalhes de organização interna –, percebemos que as medidas necessárias não poderão ser tomadas enquanto a estrutura social da Inglaterra continuar sendo a mesma. É inevitável, por sua posição e formação, que a classe governante lute por seus privilégios, e tais privilégios são irreconciliáveis com o interesse público. É um erro imaginar que objetivos de guerra, estratégia, propaganda e organização industrial existam em compartimentos isolados. Tudo está interconectado. Cada plano estratégico, cada método tático e até mesmo cada arma terão o carimbo do sistema social que os produziram. Os membros da classe dominante inglesa estão lutando contra Hitler, um homem que eles sempre consideraram (alguns ainda consideram) o seu protetor contra o bolchevismo. Isso não quer dizer que eles vão se vender deliberadamente; mas que, a cada momento decisivo, eles provavelmente irão hesitar, se conter, e assim fazer a coisa errada.

Até que o governo Churchill interrompesse de certa forma tal processo, eles acumularam erro após erro, com uma espécie de instinto certo (para errar), desde 1931. Ajudaram Franco a derrubar o governo espanhol, embora qualquer pessoa que não fosse imbecil poderia ter lhes alertado que uma Espanha fascista seria hostil à Inglaterra. Forneceram material de guerra à Itália durante todo o inverno de 1939 e 1940, ainda que fosse algo bastante óbvio que os italianos nos atacariam na primavera. Em nome de algumas centenas de milhares de rentistas eles estão transformando um aliado, a Índia, em inimigo. Além disso, enquanto as classes ricas permanecerem no comando, não poderemos elaborar nenhum tipo de estratégia que não seja *defensiva*.

Ora, toda vitória significa alguma mudança no *status quo*. Como vamos expulsar os italianos da Abissínia sem despertar ecos entre os povos de cor do nosso próprio império? Como poderemos esmagar Hitler sem que haja

o risco de que os socialistas e comunistas alemães cheguem ao poder? A gente da esquerda que lamenta que “essa é uma guerra capitalista” e que o “imperialismo britânico” luta por espólios está inteiramente zureta das ideias. A última coisa que as classes ricas britânicas desejam é adquirir novos territórios. Seria simplesmente algo constrangedor. Seu objetivo na guerra (ao mesmo tempo inatingível e jamais mencionado) é simplesmente preservar as posses que eles já têm.

Internamente, a Inglaterra prossegue sendo o paraíso dos ricos. Toda essa conversa de “igualdade de sacrifício” não faz o menor sentido. Enquanto se exige que os trabalhadores industriais suportem jornadas de trabalho mais longas, os jornais publicam anúncios do tipo “Mordomo. Um para família, oito empregados”. As populações do East End que foram bombardeadas passam fome e dormem ao relento enquanto as vítimas mais ricas pegam seus carros e fogem para suas confortáveis residências no campo. A Guarda Nacional ganhou um milhão de homens em poucas semanas, e é deliberadamente organizada de cima para baixo, de modo que somente quem vive de renda privada possa ocupar posições de comando. Até mesmo o sistema de racionamento opera de tal forma que atinge os pobres todo o tempo, enquanto as pessoas com renda superior a 2 mil libras anuais praticamente não são afetadas. Por todos os cantos os privilégios estão desperdiçando a boa vontade. Nessas circunstâncias, até a propaganda se torna praticamente inviável. Como tentativas de mobilizar o sentimento patriótico, os cartazes vermelhos espalhados no início da guerra pelo governo Chamberlain romperam todos os recordes de inutilidade.

Mas de fato não poderia ter sido muito diferente. Afinal, como Chamberlain e seus seguidores iriam assumir o risco de incitar um forte sentimento popular *contra o fascismo*? Qualquer pessoa verdadeiramente hostil ao fascismo também deve se opor ao próprio Chamberlain e a todos os outros que auxiliaram Hitler a alcançar o poder. E o mesmo vale para a propaganda externa. Em todos os discursos de Lord Halifax, não há uma única proposta concreta pela qual um único habitante da Europa arriscaria a ponta do seu dedo mindinho. Pois qual poderia ser o objetivo de guerra de Halifax, ou de qualquer um da sua laia, que não fazer o relógio voltar a 1933?

É tão somente pela revolução que o gênio nativo do povo inglês poderá ser libertado. Mas revolução não significa bandeiras vermelhas e lutas pelas ruas: revolução significa uma mudança fundamental no poder. Se ela ocorre com ou sem derramamento de sangue é, em larga medida, um acidente de época e local. Tampouco a revolução significa a ditadura de uma única classe. As pessoas na Inglaterra que compreendem quais mudanças se fazem necessárias e são capazes de levá-las até o fim não estão restritas a uma classe específica, embora seja verdade que entre elas há muito poucas cuja renda anual ultrapassa 2 mil libras. O que se faz necessário é uma revolta aberta e consciente por parte das pessoas comuns. Uma revolta contra a ineficiência, o privilégio de classe e o domínio dos mais velhos. Não se trata primordialmente de uma mudança de governo. De uma forma geral, os governos britânicos de fato representam a vontade do povo, e se modificarmos nossa estrutura de baixo para cima, teremos o governo que necessitamos.

Embaixadores, generais, funcionários públicos e administradores coloniais senis ou pró-fascismo são mais perigosos do que ministros de Estado que cometem suas idiotices em público. Ao longo de toda a nossa vida nacional temos de combater o privilégio, como a ideia de que um aluno intelectualmente limitado da escola privada teria mais aptidão para o comando do que um mecânico inteligente. Muito embora existam *indivíduos* talentosos entre os mais abastados, temos de romper o domínio das classes ricas como um todo. A Inglaterra precisa assumir a sua verdadeira forma. A Inglaterra que se encontra logo abaixo da superfície, nas fábricas e nas redações dos jornais, nos aviões e nos submarinos, tem que tomar as rédeas do seu próprio destino.

No curto prazo, a igualdade de sacrifício, o “comunismo de guerra”, é até mais importante do que as mudanças econômicas mais radicais. De fato é necessário, muito necessário, que a indústria seja nacionalizada, mas é ainda mais urgente que monstruosidades como mordomos e “renda de investimentos” acabem imediatamente. É quase certo que o principal motivo que permitiu à república espanhola seguir lutando por dois anos e meio, mesmo em meio a tremendas desvantagens, foi o fato de não haver disparidades flagrantes de riqueza. As pessoas sofreram horivelmente, mas todas elas sofreram de forma mais ou menos parecida. Quando o soldado raso ficava sem cigarros, o mesmo se dava com o general. Se

houvesse igualdade de sacrifício, o moral de um país como a Inglaterra provavelmente seria algo inabalável. Mas hoje não podemos recorrer a nada além de um patriotismo tradicional, mais arraigado aqui do que noutras partes, mas não necessariamente ilimitado. Em algum momento será necessário lidar com o sujeito que afirma que “não estaria em pior situação sob o jugo de Hitler”. Mas que resposta poderemos dar a ele – isto é, a que resposta se poderia esperar que ele daria ouvidos – enquanto soldados comuns arriscam a vida por cerca de cinco xelins ao dia, e mulheres gordas passeiam em Rolls-Royces com cães pequineses no colo?

É bem provável que esta guerra se arraste por três anos. Isto vai significar trabalho cruelmente exaustivo, invernos gelados e tediosos, comida sem sal, total falta de entretenimento e bombardeios prolongados. Tudo isso vai diminuir o padrão de vida geral, porque o essencial numa guerra é fabricar armas, e não bens de consumo. A classe trabalhadora terá de sofrer terrivelmente. E eles *irão* encarar tal sofrimento, quase indefinidamente, se souberem pelo que estão lutando. Eles não são covardes, e nem mesmo têm um ponto de vista internacionalista. Eles podem suportar tudo o que os trabalhadores espanhóis suportaram, e ainda mais. Mas vão querer algum tipo de prova de que uma vida melhor se avizinha no horizonte para eles e seus filhos. A única certeza para que isso ocorra é que, quando eles forem convocados a pagar mais impostos e trabalhar mais e mais, que possam ver que os ricos estão sendo atingidos ainda mais pesadamente. E, quanto mais alto os ricos espernearem, melhor.

Se realmente quisermos, nós somos plenamente capazes de fazer tais coisas acontecerem. Não é verdade que a opinião pública não tem poder na Inglaterra. Ela nunca se fez ouvir sem conquistar algum resultado. Ela foi a responsável pela maioria das mudanças positivas dos últimos seis meses. Mas ainda nos movimentamos com a lentidão de uma geleira, é só aprendemos alguma coisa após os desastres. Foi preciso que Paris caísse para nos livrarmos de Chamberlain, e o sofrimento desnecessário de milhares de pessoas do East End para nos vermos livres, ao menos em parte, de Sir John Anderson. Ora, não vale a pena perder uma batalha para enterrar nossos cadáveres. Pois estamos lutando contra mentes malévolas e sagazes, e o tempo urge, e

Aos derrotados, a história;

*Ou se poderia dizer: ai de mim, mas não há o que se alterar nem
perdoar. [[11](#)]*

III

Nos últimos seis meses muito se ouviu falar da “Quinta Coluna”. De tempos em tempos lunáticos obscuros são detidos por fazer discursos a favor de Hitler, e um grande número de refugiados alemães acabou sendo preso, uma medida que muito provavelmente só nos prejudicou na Europa. Mas é óbvio que a ideia de um exército imenso e organizado da Quinta Coluna surgindo de uma hora para outra nas ruas, com armas nas mãos, como se passou na Holanda e na Bélgica, é algo ridículo. Dito isso, o perigo de uma Quinta Coluna na Inglaterra existe, é real. No entanto, só poderemos levar em conta tal possibilidade se também tivermos em mente a via pela qual a Inglaterra pode ser derrotada.

É improvável que os bombardeios aéreos sejam decisivos numa guerra em grande escala. A Inglaterra pode até ser invadida e conquistada, mas sua invasão seria um movimento arriscado; e, caso fosse um fracasso, provavelmente nos deixaria ainda mais unidos que antes, e menos influenciados pelos Blimps da vida. Além disso, se a Inglaterra fosse invadida por tropas de fora, o povo inglês compreenderia que sofreu uma derrota e prosseguiria combatendo. Já se o povo poderia ser permanentemente submetido, é algo em discussão; a outra opção de Hitler seria manter um exército de cerca de um milhão de soldados nestas ilhas. Ora, para ele seria bem mais conveniente um governo de _____, _____ e _____ (você podem preencher os nomes).

É improvável que os ingleses possam ser forçados a se render, mas poderiam facilmente ser encaminhados a esse ponto pelo puro tédio, pela adulação ou pela enganação – contanto que, assim como se deu em Munique, não soubessem que estavam oficialmente se rendendo. Isso poderia ocorrer com mais facilidade num momento em que a guerra aparentasse estar indo bem, e não o oposto. O tom de ameaça de uma boa parcela da propaganda alemã e italiana é um erro psicológico. Para o povo em geral, a abordagem mais adequada seria “Ok, vamos chamar isso de um empate”. É quando uma oferta de paz for apresentada *nesses* termos que os pró-fascistas elevarão suas vozes.

Mas quem são os pró-fascistas? Ora, a ideia de uma vitória de Hitler tem apelo entre os muitos ricos, os comunistas, os seguidores de Mosley [12], os pacifistas e os membros de certos segmentos católicos. Além disso, se na frente doméstica a situação se deteriorar muito, todo o segmento mais pobre da classe trabalhadora pode chegar a dar meia-volta e abraçar uma posição derrotista, mesmo que não seja ativamente pró-Hitler.

Em tal lista heterogênea é possível perceber a ousadia da propaganda alemã, a sua disposição de contentar a todos. No entanto, as diversas forças pró-fascismo não estão conscientemente atuando em conjunto, elas operam de formas diversas.

É certo que os comunistas devem ser considerados pró-Hitler, e assim estão fadados a permanecer a menos que a política russa se modifique, mas eles não têm muita influência por lá. Os camisas-negras de Mosley, embora no momento estejam bem silenciosos, constituem um perigo maior, por conta do apoio que provavelmente possuem dentro das forças armadas. Mesmo assim, nem em seus dias mais gloriosos Mosley deve ter contado com mais de 50 mil seguidores. Já o pacifismo é mais um curiosidade psicológica do que um movimento político. Alguns dos pacifistas mais extremistas, que começaram defendendo a completa renúncia à violência, terminaram defendendo Hitler calorosamente, e até mesmo se entretendo com o antissemitismo. Isso é interessante, mas não é importante. O pacifismo “puro”, que é um subproduto do poder naval, só pode ser atrativo para pessoas em posições muito resguardadas. Além disso, em sendo negativo e irresponsável, não inspira lá muita devoção. Entre os membros [pacifistas] da organização Peace Pledge Union, menos de 15% pagam suas contribuições anuais.

Fato é que nenhum desses grupos de pessoas, sejam pacifistas, comunistas ou camisas-negras, teria condições de fazer acontecer por conta própria um movimento de larga escala do tipo “parem a guerra”. Mas eles teriam condições de facilitar bastante o caminho para um governo traidor que esteja empenhado em negociar uma rendição. Assim como os comunistas franceses, eles poderiam se tornar os agentes semi-conscientes dos milionários.

O perigo real vem de cima. Não deveríamos dar atenção ao tipo de discurso assumido por Hitler recentemente, em que tenta se passar por amigo dos pobres, inimigo da plutocracia etc. etc. O Hitler real está no

Mein Kampf [Minha Luta], e em suas ações. Ele jamais perseguiu os ricos, exceto quando eram judeus, ou quando tentaram se opor ativamente a ele. Hitler defende uma economia centralizada, que retira do capitalista grande parte do seu poder, mas preserva praticamente intacta a antiga estrutura da sociedade. O Estado controla a indústria, mas ainda restam ricos e pobres, patrões e empregados. Dessa forma, enquanto opositoras do real socialismo, as classes ricas sempre estiveram ao seu lado. Isso ficou muito claro na época da Guerra Civil Espanhola, e novamente quando a França se rendeu. O governo fantoche de Hitler não é formado de trabalhadores, mas de uma gangue de banqueiros, generais gagás e políticos de direita corruptos.

Essa espécie de traição espetacular e *consciente* tem menos chances de ser bem-sucedida na Inglaterra. De fato, é bem pouco provável que ela seja sequer tentada. Mesmo assim, para muitos que pagam impostos sobre a renda, esta guerra não passa de uma insana briga de família que deveria ser brecada a qualquer custo. Não há por que duvidar que um movimento pela “paz” esteja sendo gestado em algum setor dos escalões mais altos; provavelmente até mesmo um gabinete-sombra já foi formado. Essa gente vai agarrar a sua oportunidade, não no momento da derrota, mas ao longo de um período de estagnação, quando o descontentamento vier para reforçar o tédio. Eles não falarão em rendição, mas tão somente em paz – e não restam dúvidas que vão persuadir a si mesmas, e talvez aos demais, que têm a melhor das intenções. Um exército de desempregados liderado por milionários fazendo citações do Sermão da Montanha – este é o nosso perigo. Mas isso não terá condições de ocorrer se tivermos introduzido um grau razoável de justiça social. Na verdade a madame no seu Rolls-Royce é mais danosa ao moral do que uma esquadrilha de bombardeiros de Goering.

3. A revolução inglesa

I

A revolução inglesa se iniciou vários anos atrás, e começou a ganhar ímpeto quando as tropas regressaram de Dunquerque. Como tudo mais na Inglaterra, ela acontece de forma sonolenta e relutante, mas fato é que está acontecendo. A guerra a fez acelerar, mas também aumentou desesperadamente a sua necessidade em ser veloz.

O progresso e a reação a ele estão perdendo qualquer tipo de vínculo com os rótulos partidários. Se fosse o caso de apontar um momento em específico, valeria dizer que a antiga distinção entre a direita e a esquerda ruiu quando a revista *Picture Post* começou a ser publicada. Ora, quais são as posições políticas da *Picture Post*? Ou da peça teatral *Cavalcade*, ou dos programas de J. B. Priestley na rádio, ou dos editoriais do *Evening Standard*? Nenhuma das antigas classificações seriam adequadas. Eles tão somente indicam que existem multidões de pessoas não rotuladas que, ao longo dos últimos um ou dos anos, perceberam que algo está errado. Entretanto, como uma sociedade sem classes e sem proprietários é, em geral, intitulada como “socialista”, podemos classificar desse modo a sociedade para a qual estamos nos encaminhando.

A guerra e a revolução são inseparáveis. Não podemos implementar nada que uma nação oriental chamaria de socialismo sem antes derrotarmos Hitler; por outro lado, não poderemos derrotá-lo se insistirmos em permanecer no século XIX econômica e socialmente. O passado está combatendo o futuro, e temos uns dois anos, um ano, quiçá alguns meses, para assegurar a vitória do futuro.

Não podemos ter esperança que este ou qualquer governo parecido leve a cabo as mudanças necessárias por conta própria. A iniciativa precisa vir de baixo. Isso significa que será preciso surgir algo que nunca existiu na Inglaterra, um movimento socialista que realmente tenha o apoio da maioria do povo. Mas para tal é preciso começar reconhecendo os motivos pelos quais o socialismo inglês foi um fracasso.

Em toda a Inglaterra há somente um partido socialista que algum dia chegou a ter importância, o Partido Trabalhista. Mas ele nunca foi capaz de causar uma mudança significativa porque, exceto em questões puramente internas, nunca adotou uma política verdadeiramente independente. Foi e continua sendo essencialmente um partido dos sindicatos, dedicado a conseguir aumentos salariais e melhoria das condições de trabalho. Isso quer dizer que, ao longo dos anos cruciais, ele esteve diretamente interessado na prosperidade do capitalismo britânico. Em especial, esteve interessado na manutenção do Império Britânico, uma vez que a riqueza da Inglaterra vinha, em grande medida, da Ásia e da África. Assim, o padrão de vida dos trabalhadores sindicalizados, a quem o Partido Trabalhista representava, dependia inteiramente do suor dos trabalhadores braçais indianos.

Ao mesmo tempo, o Partido Trabalhista era um partido socialista, se valendo do discurso socialista, pensando em termos de um anti-imperialismo antiquado e mais ou menos comprometido com algum tipo de reparação às pessoas de cor. Ele teve de apoiar a “independência” da Índia, assim como teve de apoiar o desarmamento e o “progresso” em geral. Entretanto, todos tinham consciência de que nada disso fazia sentido. Na era do tanque de guerra e do avião bombardeiro, países agrícolas atrasados – como a Índia e as colônias da África – têm tantas condições de ser independentes quanto um gato ou um cão. Acaso qualquer governo trabalhista tivesse chegado ao poder com uma maioria bem estabelecida e, em seguida, se dedicado a dar à Índia algo que pudesse ser chamado de uma independência genuína, a Índia simplesmente teria sido abocanhada pelo Japão, ou partilhada entre o Japão e a Rússia.

No poder, um governo trabalhista contaria com três possíveis políticas imperiais. A primeira consistiria em continuar a administrar o império exatamente como antes, o que significaria deixar de lado qualquer pretensão de uma implementação do socialismo. A segunda seria

“libertar” os povos colonizados, o que na prática significaria entregá-los ao Japão, à Itália e a outras potências predatórias, ao mesmo tempo causando uma queda catastrófica no padrão de vida britânico. A terceira seria desenvolver uma política imperial *positiva*, visando transformar o Império Britânico numa federação de Estados socialistas, como uma espécie de versão mais livre da União das Repúblicas Soviéticas. Porém, a história e a origem do Partido Trabalhista tornaram isso impossível. Era um partido dos sindicatos, de visão de mundo irremediavelmente paroquial, com pouco interesse em questões imperiais e sem nenhum contato com os homens que verdadeiramente cuidavam da manutenção e da união do império. Ele teria de entregar a administração da Índia e da África e de todo trabalho de defesa imperial a homens originários de uma classe diferente, tradicionalmente hostil ao socialismo. Pairando sobre tudo isso, ainda existiria a dúvida quanto à capacidade de um governo trabalhista sério se fazer obedecer.

Apesar da quantidade de seguidores, o Partido Trabalhista não tinha o apoio da Marinha, e contava com pouca ou nenhuma simpatia no Exército e na Força Aérea. Decerto não detinha absolutamente nenhuma vinda dos departamentos coloniais, e nem mesmo no funcionalismo público podia contar com um apoio de fato confiável. Na Inglaterra sua situação era sólida, mas não incontestável, e fora dela todos os elementos essenciais estavam nas mãos de seus inimigos. Uma vez alcançado o poder, seria confrontado sempre pelo mesmo tipo de dilema: cumprir com suas promessas e se arriscar a uma revolta, ou dar continuidade às mesmas políticas dos conservadores e simplesmente parar de falar em socialismo. Os líderes trabalhistas nunca encontraram uma solução. De fato, após 1935 já era bastante questionável se eles tinham qualquer interesse real em chegar ao governo. Eles tinham degenerado para uma espécie de oposição permanente.

Fora do Partido Trabalhista haviam vários partidos extremistas, sendo que o mais forte deles era o dos comunistas. Os comunistas tinham exercido uma influência considerável no Partido Trabalhista nos períodos de 1920 a 1926 e 1935 a 1939. Sua importância principal, tanto deles quanto de toda a ala à esquerda do movimento trabalhista, estava no papel que desempenharam para alienar as classes médias do socialismo.

Ora, a história dos últimos sete anos deixou muito claro que o comunismo não tem a menor chance na Europa Ocidental. O apelo do fascismo é bem, bem maior. Num país após o outro, os comunistas foram aniquilados por seus inimigos mais modernos, os nazistas. Nos países de língua inglesa, eles nunca contaram com um apoio sólido. A crença que eles espalhavam era capaz de atrair somente um tipo raro de gente, encontrado sobretudo na intelligentsia de classe média – o tipo que deixou de amar o seu país mas ainda sente falta do patriotismo e, por conta disso, desenvolve sentimentos patrióticos pela Rússia.

Em 1940, após trabalharem por duas décadas e gastarem muito dinheiro, os comunistas britânicos mal contavam com 20 mil membros; aliás, um número de seguidores menor do que em 1920. Os demais partidos marxistas eram ainda menos importantes. Não contavam com o dinheiro e o prestígio russos e, mais até do que os comunistas, permaneciam presos a uma doutrina de guerra de classes do século XIX. Ano após ano, continuaram a pregar esse evangelho ultrapassado, sem jamais se darem conta que ele nunca os ajudou a conquistar seguidores.

Mesmo assim, tampouco surgiu qualquer tipo de movimento fascista mais robusto na Inglaterra. As condições materiais não eram suficientemente precárias, e não apareceu nenhum líder que pudesse ser levado a sério. Seria preciso buscar bastante até encontrar alguém tão pobre de ideias quanto Sir Oswald Mosley. Ele não conseguia ver um palmo adiante do nariz. Não era capaz de perceber até mesmo o fato elementar de que o fascismo não poderia ofender o sentimento nacionalista local. Todo o seu movimento era uma imitação servil do estrangeiro, com o uniforme e o programa partidário da Itália e a saudação alemã, sendo que as perseguições aos judeus só foram adicionadas mais tarde – de fato, quando Mosley lançou seu movimento, alguns dos seus seguidores mais fervorosos eram justamente judeus. Um homem da estirpe de Arthur Bottomley ou de David Lloyd George talvez pudesse ter criado um verdadeiro movimento fascista na Inglaterra. Mas tais líderes só aparecem quando há uma espécie de necessidade psicológica deles.

Após vinte anos de estagnação e desemprego, o movimento socialista inglês como um todo foi inteiramente incapaz de criar uma versão do socialismo que a maior parte da população achasse ao menos algo desejável. O Partido Trabalhista defendia reformas tímidas, e os marxistas

enxergavam o mundo moderno usando lentes do século XIX. Ambos ignoravam os problemas da agricultura e do imperialismo, e ambos antagonizavam as classes médias. A estupidez sufocante da propaganda da esquerda havia afastado dela classes inteiras de pessoas indesejáveis: gerentes de fábricas, aviadores, oficiais da Marinha, agricultores, colarinhos-brancos, lojistas e policiais. Todos esses tinham sido ensinados a julgar o socialismo como algo que ameaçava a sua subsistência, ou então como algo que incita à sedição, alheio, quiçá “antibritânico”, como teriam dito. Somente os intelectuais, o segmento menos útil da classe média, foram atraídos pelo movimento.

Um partido socialista que quisesse verdadeiramente alcançar alguma coisa teria começado encarando diversos fatos que até hoje são considerados impronunciáveis nos círculos de esquerda. Teria reconhecido que a Inglaterra é mais unida do que a maioria dos países, que os trabalhadores britânicos têm muito mais a perder do que os seus grilhões, e que as diferenças nas concepções e hábitos entre as classes vêm diminuindo rapidamente. De forma geral, teria reconhecido que a ultrapassada “revolução proletária” é algo impossível. Porém, ao longo dos anos entre as grandes guerras não surgiu nenhum programa socialista que fosse ao mesmo tempo revolucionário e viável; sem sombra de dúvida, simplesmente porque ninguém realmente desejava que uma grande mudança ocorresse.

Os líderes trabalhistas queriam seguir na mesma passada, recebendo os seus salários e, de tempos em tempos, alternando o poder com os conservadores. Os comunistas também queriam seguir na mesma passada, sofrendo um martírio confortável, encontrando em seu caminho derrotas intermináveis e em seguida atribuindo toda culpa aos demais. A intelligentsia de esquerda também estava satisfeita em seguir na mesma passada, zombando dos Blimps, minando o moral da classe média, mas ainda assim mantendo sua posição favorecida como parasita dos rentistas. Assim, a política do Partido Trabalhista havia se tornado uma variante do conservadorismo, e a política “revolucionária”, um tipo de jogo de faz de conta.

Agora, no entanto, as circunstâncias mudaram, e os anos de apatia acabaram. Hoje, ser um socialista não significa mais teoricamente golpear um sistema com o qual, na prática, se está razoavelmente satisfeito. Desta

fez estamos realmente em perigo. Hoje, “os filisteus vêm sobre ti, Sansão!” [*Juízes* 16:20]. Hoje nós temos de fazer com que as nossas palavras assumam um caráter real, físico, ou iremos perecer. Sabemos muito bem que, com a sua atual estrutura social, a Inglaterra não poderá sobreviver, e precisamos fazer com que os demais reconheçam esse fato e se movimentem de acordo. Não podemos vencer a guerra sem implantar o socialismo, nem implantá-lo sem vencer a guerra. Em tempos como estes há a possibilidade, inexistente em épocas de paz, de sermos a um só tempo revolucionários e realistas. Um movimento socialista que consiga atrair o apoio da maioria da população, que retire os pró-fascistas das posições de comando, que aniquile as injustiças mais flagrantes e permita à classe trabalhadora ver que há uma razão pela qual lutar, que conquiste as classes médias em vez de considera-las inimigas, que resulte em uma política imperial viável ao invés de uma mistura de enganação e utopia, que faça com que o patriotismo e a inteligência sejam parceiros – pela primeira vez, um movimento como este se torna possível.

II

O fato de que estamos em guerra fez com que o socialismo, antes apenas um termo de livro didático, se transformasse em uma política realizável.

A ineficiência do capitalismo privado já foi comprovada por toda a Europa. A sua injustiça foi comprovada no East End, em Londres. O patriotismo, contra o qual os socialistas se digladiaram por tanto tempo, acabou se tornando uma tremenda alavanca em suas mãos. Pessoas que, em outras épocas, se agarrariam como cola a seus fiapos miseráveis de privilégio, os deixarão para trás rapidamente caso seu próprio país esteja em perigo. A guerra é o maior de todos os agentes de mudança. Ela acelera todos os processos, elimina as pequenas distinções, faz com que a realidade venha à tona. Acima de tudo, a guerra toca fundo no indivíduo, e faz com que se lembre que ele *não* é inteiramente um indivíduo. É tão somente por terem consciência disso que os homens se mostrarão dispostos a morrer no campo de batalha.

Neste momento, não se trata simplesmente de abdicar do lazer, do conforto, da liberdade econômica ou mesmo do prestígio social. Pouquíssimas pessoas na Inglaterra querem de fato ver seu país conquistado pela Alemanha. Se é possível esclarecer que a derrota de Hitler significa a aniquilação dos privilégios de classe, a grande massa de pessoas de classe média, as que fazem de 6 libras por semana a 2 mil libras por ano, provavelmente vai estar do nosso lado. E tais pessoas são consideravelmente indispensáveis, uma vez que incluem a maioria dos especialistas técnicos. Obviamente que o esnobismo e a ignorância política de gente como os oficiais da Força Aérea e da Marinha vão ser uma imensa dificuldade no processo. Mas sem esses aviadores, comandantes de destroieres etc. etc. nós não conseguiríamos durar nem uma semana na guerra. A única forma de abordá-los é apelando ao seu patriotismo. Um movimento socialista inteligente deve *usar* este patriotismo, em vez de meramente insultá-lo, como tem feito até aqui.

Com isso eu estou querendo dizer que não haverá oposição? É claro que não. Seria infantil esperar qualquer coisa do tipo.

Haverá um acirrado embate político, e também haverá sabotagem por toda parte, tanto inconsciente como semiconsciente. Num ou noutro momento talvez a violência se faça necessária. É fácil imaginar uma rebelião pró-fascismo eclodindo, por exemplo, na Índia. Nós teremos de combater a corrupção, a ignorância e o esnobismo. Os banqueiros e os grandes empresários, os proprietários de terras e os rentistas, os oficiais com seus traseiros grudentos, vão criar o maior número de obstáculos que puderem. Até mesmo as classes médias vão se contorcer quando o seu modo de vida acomodado se ver ameaçado. Porém, uma vez que o sentimento de unidade nacional dos ingleses nunca foi aniquilado, uma vez que o patriotismo é, no fim das contas, mais forte que o ódio de classe, existe uma possibilidade de que a vontade da maioria prevaleça. É inútil imaginar que seja possível realizar mudanças fundamentais sem causar uma ruptura na nação; no entanto, a minoria traiçoeira será bem menor em época de guerra do que poderia ser noutros tempos.

A alternância na opinião está ocorrendo, é visível. Mas não podemos esperar que, por si mesma, ela aconteça rápido o bastante. Esta guerra é uma corrida entre a consolidação do império de Hitler e o crescimento da consciência democrática. Por toda parte da Inglaterra podemos ver uma embate sonoro entre ambas as tendências – no Parlamento e no governo, nas fábricas e nas forças armadas, nos pubs e nos abrigos antiaéreos, nos jornais e nas rádios. Todo dia há pequenos avanços, e pequenos retrocessos. Herbert Morrison no Ministério do Interior significa alguns passos à frente. O dramaturgo J. B. Priestley sendo expulso da rádio, alguns passos atrás. Trata-se de um embate entre o curioso e o incapaz de aprender, entre o jovem e o velho, entre os vivos e os mortos.

Dito isso, é de fato necessário que o descontentamento – que existe sem sombra de dúvida – assuma uma forma propositiva, e não meramente obstrutiva. Chegou a hora *do povo* definir os seus objetivos na guerra. O que se faz necessário é um programa de ação simples e concreto, capaz de ser amplamente divulgado, e em torno do qual a opinião pública possa se agrupar.

Eu gostaria de sugerir o programa de seis pontos a seguir, que ao meu ver é o tipo de coisa que precisamos. Os três primeiros itens têm a ver com a política interna da Inglaterra, e os três demais com o Império Britânico e o mundo:

1. Nacionalização das terras, minas, ferrovias, bancos e indústrias principais.
2. Limitação dos rendimentos, de modo que a renda isenta de impostos mais alta não seja superior a dez vezes a renda mais baixa.
3. Reforma do sistema educacional de acordo com princípios democráticos.
4. Estatuto de domínio conferido imediatamente à Índia, com o poder de secessão após o fim da guerra.
5. Formação de um Conselho Imperial Geral, onde os povos de cor sejam devidamente representados.
6. Declaração de aliança formal com a China, a Abissínia e todas as demais nações vítimas das potências fascistas.

A tendência geral desse programa não dá margem a equívocos. Ele visa muito francamente transformar esta guerra em uma guerra revolucionária, e a Inglaterra, numa democracia socialista. Não incluí nele deliberadamente nada que possa estar além do entendimento e da compreensão da pessoa mais simplória. Da forma como o formulei, ele poderia muito bem ser impresso na primeira página do *Daily Mirror*. No entanto, para os propósitos deste livro, é necessário que eu explique algumas coisas de forma mais aprofundada.

1. Nacionalização

É possível “nacionalizar” a indústria com uma canetada, mas o processo real é lento e complicado. O que se faz necessário é que a propriedade de todas as principais indústrias seja formalmente assumida pelo Estado, representando as pessoas comuns. Uma vez que isto for realizado, se torna possível eliminar a classe de meros *proprietários* que vivem não em virtude de qualquer artigo que produzem, mas sim de seus títulos de posse e de ações. Assim, a apropriação estatal significa que ninguém vai seguir vivendo sem trabalhar. O quão súbita será a mudança que tal apropriação implicará na conduta da indústria, já é algo menos previsível. Num país como a Inglaterra, não podemos demolir toda a estrutura e reconstruir tudo do zero, ainda mais em tempos de guerra. É inevitável que a maioria dos conglomerados industriais mantenha grande parte de seu pessoal como

antes, de modo que os antigos proprietários e diretores administrativos continuarão a cumprir suas tarefas, só que agora como empregados do Estado.

De fato, há razão para imaginar que muitos pequenos capitalistas iriam acolher bem uma organização desse tipo. A resistência virá dos grandes capitalistas, dos banqueiros, dos proprietários de terras e dos ricos ociosos; em termos gerais, da classe com rendimentos superiores a 2 mil libras anuais – e, ainda que contemos todos os seus dependentes, não há mais do que meio milhão dessas pessoas no território britânico.

A nacionalização das terras cultiváveis implica eliminar os proprietários fundiários e os beneficiários de tributos, mas sem necessariamente atingir os agricultores. É difícil pensar em qualquer reorganização da agricultura inglesa que não preserve grande parte das propriedades rurais enquanto unidades, pelo menos no início. Assim, quando o agricultor for competente, vai seguir como uma espécie de gerente assalariado. E isso é que ele praticamente já é, com a desvantagem adicional de ser obrigado a obter lucro e estar em dívida permanente com os bancos. No caso de certos tipos de pequenos negócios, e mesmo no da propriedade de terra em escala menor, o Estado provavelmente sequer irá interferir. Seria um imenso equívoco começar pela vitimização da classe dos pequenos proprietários rurais, para dar um exemplo. São pessoas necessárias, em sua maioria competentes, e a quantidade de trabalho que realizam depende muito da percepção de que são “os seus próprios chefes”. Mas certamente o Estado colocará um limite à propriedade de terra (quinze acres no máximo, algo assim), e jamais permitirá qualquer tipo de propriedade fundiária em zonas urbanas.

A partir do momento em que todos os bens produzidos forem declarados propriedade do Estado, as pessoas comuns irão sentir que *elas próprias* são o Estado – o que hoje não ocorre. Daí em diante elas estarão prontas para suportar os sacrifícios que nos aguardam, com ou sem guerra. E ainda que a face da Inglaterra mal pareça se modificar, no dia em que as nossas principais indústrias estiverem oficialmente nacionalizadas o domínio de uma única classe terá sido quebrado. Daí em diante a ênfase vai se deslocar da propriedade para a gestão, do privilégio para a competência. É bem possível que, por si só, a apropriação estatal desencadeie uma mudança social menor do que aquela que nos será imposta pelas privações

da guerra. Mas este é um passo inicial necessário – sem ele, uma reconstrução *real* é algo impossível.

2. Rendimentos

A limitação dos rendimentos implica que um salário mínimo seja fixado, o que implica uma moeda interna, cuja administração deverá ser baseada somente na quantidade disponível de bens de consumo. E isso, por sua vez, implica a existência de um sistema de racionamento mais rigoroso do que o atual. De nada vale sugerir, nesta altura da história mundial, que todos os seres humanos deveriam ter *exatamente* o mesmo nível de renda. Já foi comprovado incontáveis vezes que, sem alguma espécie de compensação monetária, não há incentivo para a realização de certas tarefas. Por outro lado, tal recompensa monetária não precisa ter valores extraordinários. Na prática, é impossível que as remunerações sejam limitadas de uma forma tão rígida, conforme sugeri. Mas não há nenhum bom motivo para que a proporção de dez para um não seja a variação máxima normal. Dentro desse tipo de limite, ainda é viável uma sensação geral de igualdade. Um sujeito que recebe três libras por semana e outro que faça 1.500 libras por ano ainda podem se ver como iguais, o que não é o caso entre o Duque de Westminster e as pessoas que dormem nas calçadas do Embankment, à beira do rio Tâmisa.

3. Educação

Em época de guerra, a reforma educacional deve necessariamente ser uma promessa, não uma realização. Afinal, no momento não temos nenhuma condição de aumentar os anos de escolarização, ou de ampliar o corpo docente nas escolas primárias. No entanto, poderíamos tomar algumas medidas imediatas visando um sistema educacional democrático no futuro. Poderíamos começar pela revogação da autonomia das escolas particulares e das universidades mais antigas e enchê-las de alunos financiados pelo Estado, selecionados tão somente por suas capacidades.

Hoje em dia a educação nas escolas particulares é em parte um tipo de treinamento em preconceito de classe, em parte uma espécie de imposto pago pelas classes médias às classes superiores a fim de obter o direito de ingressar em carreiras e profissões específicas. É verdade que esse estado das coisas vem se modificando. As classes médias começaram a se rebelar

contra o alto custo da educação, e a guerra levará à falência a maioria das escolas particulares caso venha a se estender por mais um ou dois anos. A evacuação dos alunos também vem causando pequenas mudanças. Mesmo assim, há o perigo de que algumas das escolas mais antigas, capazes de enfrentar a turbulência financeira por períodos mais longos, acabem por fim sobrevivendo como núcleos pestilentos de esnobismo.

Já quanto às 10 mil escolas “privadas” da Inglaterra, a grande maioria delas merece basicamente ser extinta. Não passam de empreendimentos comerciais e, em muitos casos, seu nível educacional acaba sendo inferior ao das escolas primárias. Elas só sobrevivem devido à ideia predominante de que há algo de vergonhoso em ser educado por autoridades públicas. Ora, o Estado poderia acabar com tal ideia declarando-se responsável por *toda* a educação, ainda que inicialmente isso não vá passar de um gesto simbólico. Nós precisamos de gestos, tanto quanto de ações. É bastante óbvio que o nosso papo de “defender a democracia” seguirá sendo uma coisa sem sentido enquanto o mero acaso do local e família onde nasce uma criança for determinante para que ela, em sendo talentosa, receba ou não a formação que merece.

4. Índia

O que nós devemos ofertar à Índia não é “liberdade” – o que, como já disse antes, é impossível –, mas sim aliança, parceria – em resumo, igualdade. Mas também precisamos dizer aos indianos que, caso desejem, estão livres para se separar. Sem isso, não poderá existir parceria entre iguais, e nossa reivindicação de que estamos defendendo os povos de cor contra o fascismo jamais será realmente convincente. Entretanto, também é um equívoco imaginar que, caso fossem inteiramente livres para seguir seu caminho, os indianos partiriam de imediato. Quando um governo britânico lhes *oferecer* uma independência incondicional, eles vão recusá-la. Pois, uma vez que tiverem obtido o poder de se separar, terão desaparecido os principais motivos para fazê-lo.

Uma completa separação entre os dois países seria um desastre, tanto para a Índia quanto para a Inglaterra. Os indianos inteligentes sabem disso. Na atual situação, a Índia não pode se defender sozinha, e dificilmente seria capaz de alimentar sua população. Toda a administração do país depende de um grupo de especialistas (como engenheiros, funcionários

florestais, ferroviários, soldados e médicos) que são predominantemente ingleses, e não poderiam ser totalmente substituídos nem em cinco, quiçá dez anos. Além de tudo isso, o inglês segue como a principal língua franca, e quase toda a intelligentsia indiana é profundamente anglicizada. Qualquer transferência para um dominador estrangeiro – uma vez que, se os ingleses se retirassem da Índia, ela seria tomada de imediato pelo Japão e outras potências – significaria uma desorganização sem precedentes.

Fato é que nem japoneses, nem russos, nem alemães, nem italianos seriam capazes de administrar a Índia, ou mesmo sequer manter o baixo nível de eficiência dos britânicos. Eles não possuem o suprimento necessário de especialistas técnicos ou o conhecimento dos idiomas e das condições locais, e provavelmente seriam incapazes de conquistar a confiança de intermediários indispensáveis, como os eurasiáticos. Caso a Índia fosse simplesmente “libertada”, isto é, privada da proteção militar conferida pela Inglaterra, o primeiro resultado seria uma nova conquista sangrenta, e o segundo, uma sucessão de crises alimentares que levariam milhões de pessoas a simplesmente morrer de fome em poucos anos.

O que a Índia precisa é do poder de elaborar a sua própria Constituição sem a interferência britânica, no entanto contando com alguma espécie de parceria que lhe garanta a manutenção da proteção militar e da assessoria técnica. Mas isso é impensável até que exista um governo socialista na Inglaterra. Por ao menos oitenta anos a Inglaterra tem atravancado artificialmente o desenvolvimento da Índia, em parte por temer a concorrência comercial na hipótese das indústrias indianas se desenvolverem em demasia, em parte por ser mais fácil governar uma população atrasada do que uma civilizada. É lugar-comum que o indiano médio sofre mais com os seus conterrâneos do que com os britânicos. O pequeno capitalista indiano explora o trabalhador urbano com crueldade extrema – o camponês vive do berço à morte nas mãos do agiota. Mas isso tudo é um resultado indireto da dominação britânica, que busca semiconscientemente manter a Índia tão atrasada quanto possível.

As classes mais leais à Grã-Bretanha são os príncipes, os latifundiários e a comunidade de empresários – em geral, as classes reacionárias que prosperam com o *status quo* atual. No momento em que a Inglaterra deixar de se colocar em relação à Índia como uma força exploradora, o equilíbrio interno vai se alterar. Daí não será mais necessário que os britânicos

prestigiem os ridículos príncipes indianos, com seus elefantes adornados e exércitos de cartas, ou bloquear o crescimento de seus sindicatos, jogar muçulmanos contra hindus, proteger agiotas (cuja existência é inútil), receber salamaleques de subalternos puxa-sacos, e privilegiar gurkhas semibárbaros no lugar dos bengalis educados. Uma vez sendo interrompido esse fluxo de dividendos que escorre dos corpos dos trabalhadores braçais indianos para as contas bancárias de velhas senhoras em Cheltenham, todo o nexos entre sahibs [13] e nativos, com a ignorância arrogante de um lado, e a inveja e o servilismo do outro, enfim será encerrado.

Afinal, ingleses e indianos podem trabalhar lado a lado em prol do desenvolvimento da Índia, e para a formação dos indianos em todas aquelas artes que, até então, eles foram sistematicamente impedidos de aprender. Que parte dos funcionários e oficiais britânicos na Índia de hoje concordaria com um arranjo desse tipo já é uma outra questão – até mesmo porque eles deixariam de ser sahibs de uma hora para outra. Entretanto, falando de forma ampla, podemos esperar mais dos jovens e dos funcionários (engenheiros civis, especialistas florestais e agrícolas, médios e educadores) que tiveram uma formação científica. Já para os funcionários mais graduados, governadores de províncias, comissários, magistrados etc. não há lá muita esperança; em todo caso, eles também são os mais fáceis de serem substituídos.

Em resumo grosseiro, é isso o que significaria para a Índia a condição de domínio caso ela fosse ofertada por um governo socialista. Ou seja, seria uma oferta de parceria em termos igualitários, até o dia em que o mundo tenha deixado de ser governado por aviões bombardeiros. Mas ainda precisamos adicionar o direito incondicional de secessão. É a única forma de provar que nossas palavras são para valer. E o que se aplica a Índia também pode ser aplicado, *mutatis mutandis* [mudando o que tem de ser mudado], para a Birmânia, a Malásia e a maior parte das nossas possessões na África.

5. Formação de um Conselho Imperial Geral

6. Declaração de aliança formal com a China, Abissínia etc.

Os itens 5 e 6 explicam a si próprios. São o preâmbulo necessário para qualquer reivindicação de que estamos lutando esta guerra com o objetivo

de proteger os povos pacíficos da agressão fascista.

Seria uma esperança vã imaginar que tal política possa vir a ser adotada na Inglaterra? Talvez o fosse um ano atrás, quiçá seis meses atrás, mas não hoje. Além do mais – e essa é a oportunidade peculiar que este momento oferece –, ela poderia receber toda a divulgação necessária. Atualmente contamos com uma imprensa semanal considerável, com circulação de milhões de exemplares, que estaria pronta para divulgar, se não *exatamente* o programa que esbocei há pouco, pelo menos *algumas* políticas nessa mesma linha. Creio que existem três ou quatro jornais diários que estariam preparados para ouvi-lo com simpatia. Essa é a distância que percorremos nos últimos meses.

Mas seria realizável uma política assim? Isso vai depender inteiramente de nós.

Alguns dos pontos que sugeri poderiam ser implantados imediatamente, outros levariam anos ou décadas, e mesmo assim o seu sucesso não seria total. Afinal, nenhum programa político jamais foi realizado em sua totalidade. Mas o que importa é que esta, ou algo parecido, seja a nossa política declarada. É sempre a *direção* que conta. É claro que não dá para esperar que o atual governo se comprometa com qualquer política que venha a transformar este conflito numa guerra revolucionária. No melhor dos casos, trata-se de um governo de compromisso, com Churchill cavalcando dois cavalos ao mesmo tempo, como um acrobata circense. Antes que medidas como a redução dos rendimentos possam sequer ser concebíveis, será necessária uma completa mudança no poder, afastando dele a velha classe dominante. Se ao longo deste inverno a guerra entrar noutro período de estagnação, penso que deveremos reivindicar uma eleição geral, algo que a máquina do Partido Conservador se empenhará em evitar a todo custo. Entretanto, mesmo sem eleições, podemos ter o governo que queremos, desde que o queiramos com a devida urgência. Uma verdadeira sacudida vinda de baixo decerto conseguirá tal intento. Quanto aos nomes que irão compor esse governo quando vier sua hora, já não posso adivinhar. Tudo o que sei é que os homens certos vão surgir quando o povo realmente os quiser, já que são os movimentos que criam os líderes, e não o contrário.

No prazo de um ano, quiçá seis meses, caso ainda não tivermos sido conquistados, veremos algo inédito vindo à tona: um movimento socialista especificamente *inglês*. Até hoje houve tão somente o Partido Trabalhista, que foi uma criação da classe trabalhadora, mas jamais buscou alguma mudança fundamental, e o marxismo, que foi uma teoria alemã interpretada pelos russos, e transplantada para a Inglaterra sem sucesso. Não havia nela nada que realmente tocasse o coração do povo inglês. Durante toda a sua história, o movimento socialista inglês jamais produziu uma canção de melodia arrebatadora – nada perto de *La Marseillaise* ou *La Cucaracha*, por exemplo.

No dia em que surgir um movimento socialista nativo da Inglaterra, os marxistas, assim como todos os demais com interesse tácito pelo passado, irão se tornar seus inimigos mais implacáveis. É inevitável que venham a denunciá-lo como “fascismo”. Já é algo costumeiro entre os intelectuais mais brandos da esquerda dizer que, se combatermos os nazistas, corremos o risco de nos “nazificar”. Eles praticamente poderiam dizer que, se lutarmos contra os negros, vamos acabar nos tornando negros. Ora, para nos “nazificarmos”, seria preciso atravessarmos a mesma história da Alemanha. As nações não fogem do seu passado somente com uma revolução. Um governo socialista inglês vai transformar a nação de cima para baixo, mas ainda deverá preservar em todas as nuances as marcas inequívocas de nossa própria civilização – essa peculiar civilização que discuti no início deste livro.

Ele não será doutrinário, nem sequer será lógico. Irá abolir a Câmara de Londres, mas é muito improvável que faça o mesmo com a monarquia. Vai deixar anacronismos e pontas soltas por toda parte, os magistrados com suas ridículas perucas de crina de cavalo, e o leão e o unicórnio nas boinas dos soldados. Não vai implementar nenhuma ditadura de classe explícita. Vai se agrupar em torno do velho Partido Trabalhista, e a maioria dos seus seguidores estará nos sindicatos, mas também irá atrair grande parte da classe média, assim como muitos jovens burgueses. A maior parte de suas lideranças intelectuais virá da nova classe indeterminada de trabalhadores qualificados, especialistas técnicos, aviadores, cientistas, arquitetos e jornalistas, isto é, aquele tipo de gente que se sente à vontade na era do rádio e do concreto armado. Mas nunca perderá o contato com a tradição de compromisso e a crença em uma lei que se encontra acima do Estado.

Vai fuzilar os traidores, mas somente após lhes dar um julgamento formal – e, de vez em quando, talvez absolva alguns deles. Vai esmagar toda rebelião armada de modo imediato e implacável, mas se absterá de interferir em demasia na palavra falada e escrita. Partidos políticos com nomes diversos continuarão a existir, seitas revolucionárias continuarão publicando seus jornais e causando um impacto tão pífio quanto antes. Vai desestabilizar a Igreja, mas não perseguirá a religião. Vai manter uma vaga devoção ao código moral do cristianismo – e, de vez em quando, ainda deve chamar a Inglaterra de um “país cristão”. A Igreja católica vai combatê-lo, mas as seitas não conformistas e uma grande parcela da Igreja anglicana acabarão aprendendo a conviver com ele. Vai demonstrar uma capacidade de assimilar o passado que deverá chocar os observadores estrangeiros, e por vezes fazer com que se perguntem se realmente ocorreu alguma revolução.

Seja como for, o novo governo socialista terá realizado o que era essencial. Terá nacionalizado a indústria, reduzido a desigualdade de renda e implementado um sistema educacional não classista. A sua verdadeira natureza se tornará evidente a partir do ódio que os homens ricos remanescentes no mundo sentirão por ele. Seu objetivo não será desintegrar o Império Britânico, mas sim transformá-lo numa federação de Estados socialistas, liberta dos agiotas, dos rentistas e dos oficiais de pouca visão – mas nem tanto da bandeira britânica em si. A sua estratégia de guerra será completamente diferente daquela adotada pelo Estado onde prevalece a propriedade privada, uma vez que não terá medo dos efeitos revolucionários que se seguem à derrubada de qualquer regime existente. Não terá a menor cerimônia em atacar países neutros hostis, ou em promover rebeliões nativas em colônias inimigas. Batalhará de tal maneira que, mesmo na derrota, sua memória persistirá sendo perigosa para o vitorioso, assim como a memória da Revolução Francesa foi perigosa para a Europa de Klemens von Metternich. Os ditadores irão temê-lo bem mais do que o atual regime britânico, mesmo que sua força militar seja dez vezes menor.

Mas neste momento, quando a sonolenta vida da Inglaterra pouco mudou, e o contraste ofensivo entre a riqueza e a pobreza ainda existe em toda parte, mesmo em meio às bombas, por que eu ouse afirmar que tudo isso “vai” acontecer?

Ora, porque chegou o tempo em que é possível prever o futuro em termos de “ou – ou”. Isto é, ou transformamos esta guerra numa guerra revolucionária (e não estou dizendo que a nossa política será *exatamente* como indiquei há pouco, apenas que deverá acompanhar essas linhas gerais) ou seremos derrotados, e perdermos muito mais do que se poderia imaginar. Muito em breve será possível afirmar com certeza se estaremos nos encaminhando numa ou noutra direção. Em todo caso, é certo dizer que não poderemos vencer a guerra com nossa atual estrutura social. Nossas forças reais, físicas, morais ou intelectuais, simplesmente não podem ser mobilizadas.

III

Patriotismo não tem nada a ver com conservadorismo. De fato, trata-se do seu oposto, pois é uma forma de fidelidade a algo que está sempre em mutação – e, mesmo assim, é percebido misticamente como igual. É a ponte entre o futuro e o passado. Nenhum real revolucionário jamais foi internacionalista.

Ao longo dos últimos vinte anos, o ponto de vista negativo e *fainéant* [preguiçoso] tão na moda entre a esquerda inglesa, o deboche do patriotismo e da bravura física evidenciado nas risadinhas dos intelectuais, o esforço persistente em delapidar o moral inglês e difundir uma atitude hedonista em relação à vida, no estilo “o que eu ganho com isso”, só causaram prejuízos. E teriam causado prejuízos ainda que estivéssemos vivendo no universo moroso da Liga das Nações que tais pessoas imaginavam. Mas, numa época de Führers e aviões bombardeiros, foi um completo desastre. Ainda que não goste nada disso, o endurecimento é o preço da sobrevivência. Uma nação ensinada a pensar hedonisticamente não tem condições de sobreviver em meio a povos que trabalham como escravos e procriam feito coelhos; e cuja principal indústria nacional é a guerra.

Socialistas ingleses de quase todos os espectros quiseram tomar posição contra o fascismo, mas ao mesmo tempo buscaram reverter a belicosidade de seu próprio povo. Fracassaram, porque na Inglaterra as lealdades tradicionais são mais fortes do que as recentes. Entretanto, a despeito de todas as bravatas “antifascistas” da imprensa de esquerda, qual seria nossa real chance no confronto com o fascismo se o inglês médio fosse o tipo de criatura em que o *New Statesman*, o *Daily Worker* ou mesmo o *News Chronicle* gostariam de transformá-lo?

Até 1935, toda a gente de esquerda na Inglaterra era vagamente pacifista. Após 1935, os mais exaltados dentre eles se lançaram com afinco no movimento da Frente Popular, que não passava de um subterfúgio para evitar todo problema imposto pelo fascismo. Eles se colocaram como “antifascistas” de modo puramente negativo – isto é, sendo “contra” o fascismo, mas sem se mostrar “a favor” de nenhuma

outra política reconhecível –; e, por detrás disso tudo, havia a ideia molenga de que, quando chegasse a hora, os russos lutariam por nós. É verdadeiramente assombroso o quanto tal ilusão resiste a morrer.

Toda semana os jornais são inundados de cartas ao editor apontando que, se tivéssemos um governo sem conservadores, os russos dificilmente conseguiriam evitar ficar do nosso lado. Ou então publicamos objetivos de guerra bombásticos (ver livros como *Unser Kampf* [Nossa Luta], *A hundred million allies – if we choose* [um milhão de aliados – se quisermos] etc.), segundo os quais as populações da Europa vão inevitavelmente se levantar em nosso favor. Sempre se trata basicamente da mesma ideia: busque inspiração no exterior, consiga alguém para lutar em nosso lugar. Por trás disso há o apavorante complexo de inferioridade do intelectual inglês, a crença de que os ingleses deixaram de ser um povo guerreiro e não têm mais condições de resistir a uma guerra muito longa.

Na realidade não há razão alguma para se imaginar que alguém ainda irá lutar por nós, com exceção dos chineses, que já vêm fazendo isso há três anos [14]. Os russos podem ser levados a lutar do nosso lado por conta de um ataque direto, mas já deixaram muito claro que não irão se opor ao exército alemão se puderem evitar. Em todo caso, eles provavelmente não se sentirão atraídos pelo espetáculo de um governo de esquerda na Inglaterra. É quase certo que o atual governo russo se mostrará hostil a qualquer tipo de revolução no Ocidente. Os povos subjugados da Europa começarão sua revolta assim que Hitler estiver cambaleando no poder, mas não antes. Nossos aliados em potencial não são os europeus, mas, de um lado, os americanos, que necessitam de mais de um ano para mobilizar os seus recursos, ainda que grandes empresas sejam usadas; e, de outro lado, os povos de cor, que não podem nem mesmo sentimentalmente estar do nosso lado antes que a nossa própria revolução tenha iniciado.

Por um longo período, um ano, dois, quiçá três anos, a Inglaterra precisará atuar como o amortecedor do mundo. Teremos de suportar os bombardeios, o cansaço, a gripe, o tédio e as traiçoeiras propostas de paz. Dessa forma, fica claro que esta é a hora de reforçar nosso moral, e não de enfraquecê-lo. Em vez de assumir essa atitude mecanicamente antibritânica, tão comum na esquerda, é melhor pensar no que o mundo realmente seria caso a cultura da língua inglesa sumisse do mapa. Pois é

infantilidade imaginar que os demais países da língua inglesa, incluindo os Estados Unidos, não serão afetados caso a Inglaterra seja conquistada.

Lord Halifax, e toda a sua tribo, creem que tudo vai continuar exatamente como era antes quando findar a guerra. De volta aos corredores labirínticos de Versalhes, de volta à “democracia” – isto é, ao capitalismo, de volta às filas de desempregados e aos carros Rolls-Royce, de volta às cartolas cinzas e às calças de flanela, *in saecula saeculorum* [para sempre]. Mas é evidente que nada disso vai acontecer. Uma débil imitação disso talvez ainda venha a ser possível no advento de uma paz negociada, mas só por um curto período. Fato é que o capitalismo *laissez-faire* está morto (vale notar que o sr. Joseph Kennedy, embaixador dos Estados Unidos em Londres, retornando a Nova York em outubro de 1940 comentou que, por conta da guerra, “a democracia está acabada”; mas é claro que, por “democracia”, ele se refere ao capitalismo privado). A nova escolha será entre o tipo de sociedade coletivista que Hitler vai instaurar e o tipo que pode surgir caso ele seja derrotado.

Caso Hitler vença a guerra, ele vai consolidar o seu domínio em toda a Europa, a África e o Oriente Médio; e, caso seus exércitos ainda tenham algum fôlego, também arrancará vastos territórios da Rússia soviética. Da mesma forma, ele vai implementar uma sociedade de castas hierarquizada, onde o *Herrenvolk* alemão (a “raça mestra”, ou “raça aristocrática”) dominará os eslavos e outros povos considerados inferiores, cuja tarefa será o cultivo de produtos agrícolas de baixo custo. Ele também vai reduzir os povos de cor definitivamente à escravidão aberta.

Ora, a verdadeira querela das potências fascistas com o imperialismo britânico parte da sua percepção do quanto ele vem se desintegrando ao longo do tempo. Com mais uns vinte anos seguindo a mesma linha atual, a Índia deverá ser uma república camponesa vinculada à Inglaterra somente por uma aliança voluntária. Os “semimacacos” de quem Hitler fala com tanta aversão estarão pilotando aviões e fabricando metralhadoras. O sonho fascista de um império escravagista chegará ao fim. Por outro lado, se formos derrotados, vamos simplesmente entregar as nossas próprias vítimas a novos senhores, que assumirão a nova tarefa entusiasmados – e sem ter desenvolvido nenhum escrúpulo.

No entanto, há muito mais em jogo do que o destino dos povos de cor. A verdade é que há duas concepções de vida em conflito, e elas são

incompatíveis. Como diz Mussolini, “Entre a democracia e o totalitarismo não pode haver compromisso”. Tampouco podem os dois credos conviver lado a lado por período algum. Enquanto existir democracia, mesmo em sua versão inglesa e tão imperfeita, o totalitarismo estará correndo um perigo mortal. O mundo de língua inglesa como um todo é assombrado pela ideia da igualdade humana, e ainda que seja simplesmente uma mentira dizer que tanto nós como os americanos nos mostramos à altura dessa declaração de igualdade, ainda assim permanece a *ideia*, e com ela a possibilidade de que um dia ela se torne inteiramente realidade.

Caso não pereça antes do florescimento, uma sociedade de seres humanos livres e iguais acabará surgindo a partir da cultura de língua inglesa. Porém, é precisamente a ideia de igualdade humana – a ideia de igualdade “judaica” ou “judaico-cristã” – que Hitler veio ao mundo para destruir. Como todos sabemos bem, é o que ele tem dito com frequência. A ideia de um mundo onde os negros sejam equiparados aos brancos, e onde os judeus sejam tratados como seres humanos, provoca nele o mesmo horror e desespero que, em nós, causaria a imagem de uma escravidão sem fim.

É importante ter em mente o quanto esses dois pontos de vista são irreconciliáveis. Em algum momento do próximo ano é bem provável que ecloda uma reação pró-Hitler na intelligentsia de esquerda. Já vemos sinais premonitórios disso. As realizações positivas de Hitler apelam à vacuidade dessas pessoas e, no caso daqueles com intenções pacifistas, ao seu masoquismo. Já se pode deduzir de antemão mais ou menos o que eles vão dizer. Começarão por se recusar a admitir que o capitalismo britânico esteja evoluindo para algo diverso, ou que a derrota de Hitler possa significar algo mais do que uma vitória dos milionários britânicos e americanos. E, a partir disso, vão argumentar que, no fim das contas, a democracia é “o mesmo que” ou “tão ruim quanto” o totalitarismo. Podem dizer que não há *tanta* liberdade de expressão assim na Inglaterra e, dessa forma, *não há mais* aqui do que existe na Alemanha. Extrapolando isso, também podem afirmar que ficar desempregado é uma experiência horrível; assim, *não deve ser pior* do que acabar nas câmaras de tortura da Gestapo. Também podem muito bem imaginar que dois negros equivalem a um branco, e meio pão é o mesmo que pão nenhum.

Na realidade, porém, pouco importa o que seja verdadeiro a respeito da democracia e do totalitarismo, a grande verdade é que eles não são a mesma coisa. Não seria verdadeiro que são o mesmo ainda que a democracia britânica fosse incapaz de evoluir para além do seu estágio atual. Toda a ideia de um Estado continental militarizado, com sua polícia secreta, sua literatura censurada e sua mão de obra arregimentada, difere completamente de uma democracia marítima relaxada, com suas zonas pobres e seus desempregados, suas greves e sua política partidária. É a diferença entre uma potência terrestre e uma potência marítima, entre crueldade e ineficiência, entre mentira e autoengano, entre o membro da SS nazista e o cobrador de aluguel. E, ao optar entre os dois, não se escolhe tanto com base na força que desfrutam hoje em dia, mas no que ainda serão capazes de se tornar. Em certo sentido, entretanto, é irrelevante se a democracia, seja em seu apogeu ou declínio, é “melhor” do que o totalitarismo. Para se tomar uma decisão dessas seria preciso ter acesso a critérios absolutos.

A única questão que importa é onde estarão as simpatias genuínas quando a coisa apertar. Os intelectuais que tanto se deleitam em comparar a democracia ao totalitarismo, e em “comprovar” que são igualmente ruins, não passam de pessoas fúteis que nunca tiveram de se defrontar com a realidade. Agora que começam a flertar com o fascismo, demonstram a mesma incompreensão superficial que tinham há um ou dois anos, quanto eram historicamente contra ele. A questão não é “É possível ‘argumentar’ a favor de Hitler num grupo de debates?”, e sim “Você genuinamente aceita tal argumentação? Está realmente disposto a se submeter ao domínio de Hitler? Quer ou não quer ver a Inglaterra sendo conquistada?”. Seria bem melhor estar certo a esse respeito antes de se colocar levianamente ao lado do inimigo. Pois na guerra não há espaço para neutralidade; na prática, nós temos de apoiar um lado ou o outro.

Quando vier o grande aperto, não haverá ninguém criado na tradição ocidental que poderá aceitar a concepção de vida do fascismo. Portanto, é importante se dar conta disso *agora*, e compreender suas consequências. A despeito de toda a sua morosidade, hipocrisia e injustiça, a civilização de língua inglesa é o único entrave no caminho de Hitler. Ela é uma contradição viva de todos os dogmas “infalíveis” do fascismo. É por isso que todos os escritores fascistas por muitos anos estiveram de acordo na

opinião de que o poder da Inglaterra deveria ser destruído. A Inglaterra deve ser “exterminada”, deve ser “aniquilada”, deve simplesmente “deixar de existir”. Estrategicamente, há a possibilidade de que esta guerra se encerre com Hitler tendo posse garantida da Europa, e com o Império Britânico intacto, e seu poder naval quase intocado – mas ideologicamente isso é impossível. Ainda que Hitler faça uma proposta nessa linha, só poderá ser de um modo traiçoeiro, visando conquistar a Inglaterra de forma indireta, ou retomar seus ataques em outro momento mais propício.

Afinal, não seria viável permitir que a Inglaterra continue sendo uma espécie de funil por onde ideias perigosas vindas do outro lado do Atlântico possam penetrar nos Estados policiais da Europa. E, retomando o nosso ponto de vista, constatamos a vastidão da questão diante de nós, isto é: a importância vital de preservarmos a nossa democracia mais ou menos como a conhecemos. Mas *preservar* sempre significa *estender*. A escolha que temos diante de nós não é tanto entre a vitória e a derrota, mas entre a revolução e a apatia. Se aquilo pelo que estamos lutando for completamente aniquilado, isso se deverá em parte aos nossos próprios atos.

Pode ser que a Inglaterra introduza os princípios do socialismo, que transforme esta guerra numa guerra revolucionária, e mesmo assim saia derrotada. Afinal, isso não deixa de ser uma possibilidade concebível. Entretanto, por mais terrível que isso fosse para os adultos de hoje, seria melhor do que a “paz de compromisso” que uns poucos milionários e mentirosos a serviço do inimigo estão esperando. A ruína derradeira da Inglaterra só poderia ser alcançada por um governo inglês atuando sob as ordens de Berlim. Mas se a Inglaterra despertar, algo assim jamais poderá ocorrer. Pois, neste caso, uma derrota seria claramente uma derrota, e a luta continuaria, a *ideia* sobreviveria.

A diferença entre perecer em combate e render-se sem luta não é, de maneira alguma, uma questão de “honra” e de heroísmo infantil. Hitler disse uma vez que *aceitar* a derrota destrói a alma de uma nação. Pode parecer conversa fiada, mas é algo essencialmente verdadeiro. A derrota de 1870 não diminuiu a influência mundial da França. A Terceira República tinha mais influência, em termos intelectuais, do que a França de Napoleão III. Mas o tipo de paz que Pétain, Laval e cia. aceitaram só pode ser obtido pela via da aniquilação deliberada da cultura nacional. O

governo de Vichy vai desfrutar de uma independência espúria somente sob a condição de aniquilar os símbolos característicos da cultura francesa: republicanismo, secularismo, respeito pelo intelecto, ausência de preconceito de cor. Assim, se antes de uma possível derrota nós tivermos realizado a nossa revolução, não poderemos ser *completamente* derrotados. Quiçá vejamos tropas alemãs marchando sobre Whitehall, mas outro processo, que no fim das contas se mostrará fatal para o sonho de poder germânico, terá se iniciado. O povo espanhol foi derrotado, mas as coisas que aprendeu naqueles memoráveis dois anos e meio algum dia atingirão de volta os fascistas espanhóis – como um bumerangue.

Há um trecho bombástico da obra de Shakespeare que foi muito citado no início da guerra. Até mesmo o sr. Chamberlain o citou uma vez, se não me falha a memória:

*Que venham dos quatro cantos do mundo com armas na mão
Nós vamos atacá-los de surpresa:
Nada nos causará arrependimento
Se ser fiel a Inglaterra for a nossa natureza*

[Shakespeare, *Vida e morte do rei João*, V.VII]

Se interpretarmos corretamente, é justamente disso que se trata. Porém, a Inglaterra precisa ser manter fiel a si mesma. Ela não está sendo fiel a si mesma quando os refugiados que alcançam nossas praias são enviados para campos de concentração, nem quando diretores de empresas recorrem a esquemas sutis para se livrarem do Imposto sobre Lucros Excedentes. Chegou a hora de nos despedirmos do *Tatler* e do *Bystander*, de darmos adeus à madame no Rolls-Royce. Os herdeiros de Nelson e de Cromwell não se encontram na Câmara dos Lordes. Eles estão espalhados nos campos e nas ruas, nas fábricas e nas forças armadas, nos pubs e nos quintais da periferia; mas, neste momento, ainda vivem sufocados por uma geração de fantasmas.

Se comparada à missão de trazer a Inglaterra real de volta à tona, até mesmo a vitória na guerra, por mais necessária que possa ser, é algo secundário. Através da revolução, nós nos tornaremos mais nós mesmos, e não menos. Não se pode mais hesitar, buscar um compromisso, querer

“salvar a democracia”, ficar parado no lugar. Ora, nada jamais fica parado. Precisamos abraçar nosso legado, ou iremos perdê-lo. Precisamos crescer, ou acabaremos menores. No fim das contas, só poderemos ir para frente ou para trás. Eu acredito na Inglaterra, e creio que vamos para frente.

(originalmente publicado pela *Searchlight Books* em 19/02/1941)

Epílogo: Orwell e a política

George Orwell é um fenômeno. Juntas, as suas principais obras, *A Revolução dos Bichos* e *1984* (publicadas, respectivamente, em 1945 e 1949), venderam mais cópias do que os dois livros mais vendidos de qualquer outro escritor do século XX. Uma grande parte da fama de tais livros se deve a maneira como o escritor britânico soube mesclar a literatura com a crítica política. Ou, como ele mesmo descreveu:

Quando eu me sento para escrever um livro, eu não digo a mim mesmo que vou produzir uma obra de arte. Eu escrevo porque há alguma mentira que eu quero expor, algum fato para o qual quero chamar atenção, e minha preocupação inicial é conseguir ser lido por uma boa audiência.

Lançadas nos últimos anos de sua vida, tais obras se destacaram pela coragem com que Orwell atacou o totalitarismo, particularmente o stalinismo e o fascismo, em uma época onde boa parte dos regimes criticados ainda estava em plena operação. Apesar de ter atacado o comunismo russo (ou o que ele se transformou), Orwell também nutria clara simpatia pelo socialismo. Isso, por si só, explica como até os dias de hoje qualquer menção a sua obra suscita as mais acaloradas discussões nas redes sociais: os simpatizantes da direita dizendo que ele na verdade nunca foi socialista, e que dedicou-se somente a criticar a esquerda autoritária; os simpatizantes da esquerda afirmando que, pelo contrário, ele sempre foi socialista, e suas críticas na verdade se direcionavam mais ao fascismo, ao totalitarismo de direita, do que ao stalinismo e outros regimes de esquerda que assassinaram a democracia.

Qual deles tem razão? Para tentar responder essa pergunta, é preciso voltar no tempo, conferir as obras e ensaios anteriores, onde ele esteve morando, quais guerras lutou, enfim: tentar entender melhor o que fez de Orwell o que ele é até hoje, um mito da literatura.

Para compreender sua importância, temos de tentar entender o que ele amava, e o que odiava. Contra o que ele se rebelou, e o que ele exaltou. É

isso que nos dará a chave para a compreensão da sua obra. Orwell sempre odiou o grupo social do qual ele mesmo era, apesar dos pesares, um membro exemplar: os intelectuais. Desde cedo, ele quis ser um escritor, mas sempre se destacou em nunca realmente se encaixar em emprego algum. Ele nasceu em 1903, na Índia, que era na época uma parte do Império Britânico, mas foi enviado ainda criança para a Inglaterra, onde cresceu sem muita presença do pai, um funcionário público que atuava na colônia indiana. Era filho de pais em frágil situação econômica, que lutaram duro para que ele tivesse uma clássica educação inglesa de classe média, e esperavam que ele pudesse se tornar um médico ou um advogado. Orwell acabou conseguindo uma bolsa para estudar em Eton, um colégio tradicional de Berkshire (onde teve aulas de francês com Aldous Huxley), mas nunca teve notas boas o suficiente para tentar bolsas em grandes universidades. Mais tarde, decidiu servir como policial imperial na Birmânia (atual Mianmar), onde pôde conhecer mais da cultura do Oriente, e de como se estruturavam e funcionavam um império colonial e suas colônias. Ao retornar à Inglaterra, passou a se dedicar com mais afinco à escrita, e construiu uma carreira como jornalista e ensaísta político.

A geração de intelectuais da qual Orwell fazia parte, que havia testemunhado a Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão, estava obcecada por novas doutrinas grandes e abstratas para redimir a humanidade. Alguns eram comunistas fanáticos, outros firmes defensores do capitalismo radical, e alguns estavam admirados com os novos regimes autoritários da Itália, Espanha e Alemanha, e queriam algo semelhante para a Inglaterra. Orwell ouviu, e foi por um breve período seduzido por algumas dessas doutrinas. Mas ele gradualmente veio a defender algo muito mais radical: os gostos, as opiniões, as necessidades e as perspectivas de alguém que ele chamou de “a pessoa comum”.

A jornada de Orwell na vida comum começou na primavera de 1928, quando ele deixou os privilégios de sua classe para trás, e passou a trabalhar em uma série de serviços braçais, nas capitais francesa e inglesa. Experiências que ele estava para contar em seu livro, *Na pior em Paris e Londres* (1933). Em outro livro narrando suas viagens ao redor da indústria de mineração de carvão, no norte da Inglaterra, *O caminho para Wigan Pier* (1937), Orwell lança um olhar generoso e complexo sobre as

pessoas que conheceu. Sua experiência com a vida das pessoas comuns e ordinárias, em geral as grandes vítimas das guerras e dos regimes ditatoriais, explica em boa parte a profundidade de suas obras mais conhecidas.

E, se Orwell podia falar com propriedade da vida comum, também sabia o que era uma guerra em primeira mão! Juntou-se ao POUM (Partido Operário de Unificação Marxista), uma milícia de marxistas revolucionários não-stalinistas, na luta contra Francisco Franco e seus aliados Mussolini e Hitler, na Guerra Civil Espanhola. Foi ferido no pescoço. Uma bala danificou suas cordas vocais, saindo pelas costas, e desde então sua voz ficou ligeiramente inaudível. Mais tarde escreveria o livro *Lutando na Espanha* (1938), em que relata sua experiência no conflito.

Mas foi num ensaio intitulado *O Leão e o Unicórnio: O Socialismo e o Gênio Inglês*, escrito em 1941, em plena Segunda Guerra, literalmente com bombas caindo nas proximidades, que Orwell me parece ter deixado mais clara a sua real posição política. Apesar da sua importância, é um ensaio relativamente desconhecido e/ou esquecido pelas editoras, quem sabe justamente por desmistificar muito do que já foi dito, tanto à direita quanto à esquerda, sobre suas crenças políticas.

A tese do seu ensaio afirma, basicamente, que aquele era o momento ideal para uma revolução socialista na Inglaterra:

Não podemos ter esperança que este ou qualquer governo parecido leve a cabo as mudanças necessárias por conta própria. A iniciativa precisa vir de baixo. Isso significa que será preciso surgir algo que nunca existiu na Inglaterra, um movimento socialista que realmente tenha o apoio da maioria do povo. Mas para tal é preciso começar reconhecendo os motivos pelos quais o socialismo inglês foi um fracasso.

Segundo Orwell, a grande mácula do socialismo na Inglaterra foi fazer chacota do patriotismo da população, ao invés de abraçá-lo, como ocorreu no fascismo e no nazismo:

É impossível compreender o mundo moderno tal como ele é sem reconhecer a força esmagadora do patriotismo, isto é, da lealdade à

nação. [...] O cristianismo e o socialismo internacional são frágeis como palha se comparado a ele. Hitler e Mussolini ascenderam ao poder em seus próprios países em grande medida por terem compreendido este fato, ao contrário de seus oponentes.

O escritor também busca explicar porque regimes totalitários nos moldes fascistas e nazistas conseguiram chegar ao poder sem grande oposição dos mais ricos:

Hitler defende uma economia centralizada, que retira do capitalista grande parte do seu poder, mas preserva praticamente intacta a antiga estrutura da sociedade. O Estado controla a indústria, mas ainda restam ricos e pobres, patrões e empregados. Dessa forma, enquanto opositoras do real socialismo, as classes ricas sempre estiveram ao seu lado. Isso ficou muito claro na época da Guerra Civil Espanhola, e novamente quando a França se rendeu. O governo fantoche de Hitler não é formado de trabalhadores, mas de uma gangue de banqueiros, generais gagás e políticos de direita corruptos.

E, mais para o final do longo ensaio, Orwell deixa muito claro que ainda acreditava num movimento socialista genuinamente democrático e igualitário como solução dupla para a Inglaterra: tanto no sentido de se igualar ao Estado nazista no fomento da máquina de guerra, e assim poder lutar de igual para igual, quanto no sentido de criar uma nova sociedade onde a distribuição de renda seja uma realidade, e onde a pessoa comum possa enfim ter uma vida mais digna e justa. Eis o que ele diz:

Em tempos como estes [de guerra] há a possibilidade, inexistente em épocas de paz, de sermos a um só tempo revolucionários e realistas. Um movimento socialista que consiga atrair o apoio da maioria da população, que retire os pró-fascistas das posições de comando, que aniquile as injustiças mais flagrantes e permita à classe trabalhadora ver que há uma razão pela qual lutar, que conquiste as classes médias em vez de considera-las inimigas, que resulte em uma política imperial viável ao invés de uma mistura de enganação e utopia, que faça com que o

patriotismo e a inteligência sejam parceiros – pela primeira vez, um movimento como este se torna possível.

[...] Seja como for, o novo governo socialista terá realizado o que era essencial. Terá nacionalizado a indústria, reduzido a desigualdade de renda e implementado um sistema educacional não classista. A sua verdadeira natureza se tornará evidente a partir do ódio que os homens ricos remanescentes no mundo sentirão por ele.

O Leão e o Unicórnio foi escrito anos antes das duas grandes obras literárias de Orwell, e no ensaio vemos claramente que, a despeito de já ser um crítico ferrenho do comunismo nos moldes stalinistas, Orwell continuava acreditando que uma revolução socialista seria o caminho mais eficaz para garantir que a pessoa comum inglesa, a única coisa que contava com sua genuína adoração, pudesse ter uma vida melhor. Depois disso vieram as bombas atômicas no Japão, a derrota de Hitler e a manutenção do totalitarismo do regime soviético (que contava com a conivência de boa parte do Ocidente). É difícil dizer se, ao escrever *1984*, já perto da morte (por conta da tuberculose, que ele provavelmente contraiu ao ser tratado do tiro no pescoço em um hospital espanhol), Orwell ainda mantinha viva a crença no socialismo democrático, mas fato é que em nenhum momento da vida ele se aproximou do espectro oposto, seja no conservadorismo, seja no liberalismo econômico.

Assim, o veredito mais provável e honesto é este: Orwell foi um socialista que defendia a liberdade com unhas e dentes, e que não se furtou a criticar ferozmente o próprio socialismo, quando este enveredou pelo totalitarismo. Se ainda fosse vivo hoje, o mais provável é que Orwell fosse de centro-esquerda, devido à falência da ideia de uma revolução socialista viável.

Apêndice: Orwell e Huxley

Querido Sr. Orwell,

Foi muito gentil de sua parte pedir aos editores que me enviassem uma cópia do seu livro. Ela chegou enquanto eu estava em meio a um trabalho que me demandava muita leitura e consultas de referências; e como a falta de visão faz com que seja necessário racionar a minha leitura, eu tive que esperar por muito tempo antes de ser capaz de embarcar em 1984.

Concordando com tudo o que a crítica escreveu sobre isso, eu não preciso te dizer, mais uma vez, o quão bom e profundamente importante o livro é. [...]

Assim se inicia a carta que Aldous Huxley enviou a George Orwell, escrita em 21 de outubro de 1949, alguns meses após a publicação de *1984*, uma das obras mais lidas e discutidas do Ocidente; e alguns meses antes da morte de Orwell, por tuberculose, aos 46 anos.

Quando tinha vinte e poucos anos, Huxley foi professor de francês de um Orwell ainda adolescente, no Eton College, uma famosa escola inglesa. Não há evidências de que tenham tido algum tipo de convívio fora da sala de aula, mas é certo que Orwell foi um ávido leitor da célebre ficção distópica de seu antigo professor, *Admirável Mundo Novo*, publicado em 1932. Assim, a despeito de terem tido uma amizade mais profunda ou não, fato é que dois dos grandes escritores do século XX leram as principais obras um do outro, e nutriam uma admiração mútua.

Enquanto uma utopia é uma espécie de “Céu erguido na Terra”, um ideal futuro de uma sociedade onde predominam a justiça e o bem estar social, a distopia é justamente o oposto: um futuro sombrio onde geralmente há opressão governamental e quase nenhuma liberdade individual.

Muito já se debateu acerca das duas visões distópicas descritas nessas obras. A princípio, eles se parecem mesmo antagônicas, tanto que em sua carta a Orwell, o próprio Huxley faz uma defesa da sua própria visão de um futuro sombrio da democracia. Essa comparação foi aprofundada em

1985, num livreto do teórico da comunicação americano Neil Postman, intitulado *Amusing ourselves to death* (Nos divertindo até morrer). Trago um trecho da obra abaixo:

“Na visão de Huxley, não é necessário nenhum Grande Irmão [grande líder totalitário] para despojar a população de autonomia, maturidade ou história. Ela acabaria amando sua opressão, adorando as tecnologias que destroem sua capacidade de pensar. Orwell temia aqueles que proibiriam os livros. Huxley temia que não haveria motivo para proibir um livro, pois não haveria ninguém que quisesse lê-los. Orwell temia aqueles que nos privariam de informação. Huxley, aqueles que nos dariam tanta que seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo. Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley, que fosse afogada num mar de irrelevância.”

No futuro pintado por Huxley, a sociedade está dividida em castas. Crianças projetadas geneticamente saem de fábricas de bebês e são condicionadas a exercer das funções mais nobres as mais abjetas. Não há mães, pais ou casamentos. O sexo é livre. A diversão está disponível na forma de jogos esportivos, cinema multissensorial e de uma droga que garante o bem-estar sem efeito colateral: o soma. Restaram na Terra dez áreas civilizadas e uns poucos territórios selvagens, onde grupos nativos ainda preservam costumes e tradições primitivos, como família ou religião. “O mundo agora é estável”, diz um líder civilizado. “As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma.”

Aqui é preciso destacar que nem utopias nem distopias existem no mundo real. O exercício de tentar adivinhar para onde nosso mundo está caminhando, se para a distopia de Huxley ou de Orwell, é algo curioso, muitas vezes interessante, mas nem sempre tão produtivo quanto se pode imaginar. Muitas vezes caímos na armadilha de imaginar que o mundo deve ser preto ou branco: ou se encaminha totalmente para um lado, ou

para outro. Quando na verdade a realidade é composta por infindáveis miríades de cinza.

Fato é que Orwell e Huxley falavam sobre mundos diferentes em suas obras. Enquanto Orwell claramente fazia uma caricatura sombria de uma ditadura nos moldes fascistas e stalinistas, Huxley estava bem mais preocupado em criticar a cultura de massa alienante e o consumismo demasiadamente hedonista das democracias ocidentais. Além disso, é preciso lembrar do contexto específico em que *1984* é narrado, do ponto de vista de um membro do Partido [algo mais ou menos equivalente ao Partido Comunista da Coreia do Norte de hoje], que compunha uma modesta minoria dentro da sociedade como um todo. Trago um trecho do início do Cap. 7 da Parte 1 da obra que ilustra isso muito bem:

“Se havia esperança, ela DEVIA estar nos proletas [proletários; ou o povão em geral], porque só neles, naquelas massas desdenhadas, naquele enxame de gente, nos 85% da população da Oceania [uma das três superpotências do mundo], havia alguma possibilidade de que se gerasse a força capaz de destruir o Partido.”

E, se formos analisar a obra mais a fundo, veremos que, tal qual em *Admirável Mundo Novo*, o povão em geral também é mantido anestesiado de qualquer tipo de pensamento revolucionário através de distrações como a loteria, o noticiário de crimes e guerras e a boa e velha cerveja. O Partido de Orwell policia de maneira ferrenha os seus próprios membros, mas deixa que o restante da população desfrute de certa liberdade. Assim, embora o conhecimento em geral seja filtrado e devidamente censurado pelo Estado totalitário, nada impede que um proletário de Oceania beba a sua cerveja no final do dia e se divirta, por exemplo, com um jogo de dardos. Tons de cinza, tons de cinza...

Outra característica que separa o foco narrativo de ambas as obras é a questão religiosa. Enquanto em *1984* as religiões foram abolidas, o personagem principal é ateu (no máximo um humanista agnóstico), e todas as questões religiosas não passam de um pano de fundo para a narrativa política, na obra de Huxley há uma crítica clara e contundente à ausência de espiritualidade da sociedade dita civilizada em relação àqueles que são chamados de selvagens, vivem fora das metrópoles e ainda praticam

costumes primitivos. Ora, como um perenialista, Huxley está claramente defendendo que a religião antiga não é somente importante, como essencial para que o indivíduo alcance uma vida digna e plena.

A filosofia perene, ou perenialismo, é um ponto de vista da espiritualidade moderna que enxerga todas as tradições religiosas do mundo como compartilhadoras de uma verdade única, sendo ela metafísica ou a origem da qual todo o conhecimento esotérico e exotérico se irradiou. O perenialismo tem suas raízes no interesse renascentista pelo neoplatonismo e sua ideia do Uno, da qual toda a existência emana.

Anos após *Admirável Mundo Novo* ter sido publicado, Huxley continuava a propagar uma interpretação universalista das religiões do mundo, inspirada por vertentes do hinduísmo. Sua obra *A Filosofia Perene*, de 1945, traz mais luz sobre o tema:

“A filosofia perene é expressa de maneira mais sucinta na fórmula sânscrita, *tat tvam asi* (‘Isto és tu’); o Atman, ou Eu eterno imanente, é um com Brahman, o Princípio Absoluto de toda a existência; e a finalidade última de todo ser humano é descobrir o fato por si mesmo, descobrir quem ele realmente é.”

Dessa forma, enquanto Orwell procurava alertar seus leitores para os graves perigos das doutrinas políticas que podiam descambar para um Estado totalitário, uma ditadura, Huxley trazia outra espécie de alerta, que dizia mais sobre o perigo de uma sociedade moderna inteiramente afastada da espiritualidade, e seduzida pelas drogas e o hedonismo exacerbado. Enquanto *1984* focava quase que unicamente na política, *Admirável Mundo Novo* dava também um grande espaço para a religiosidade humana. Assim, o tipo de comparação que Postman nos trouxe em 1985 deve ser considerado em seu contexto limitado. Do contrário, corremos o risco de vermos demônios imaginários onde eles não existem, e nos esquecermos de que o mundo real é muito mais complexo, muito mais acinzentado, do que uma obra de ficção.

Notas

Obs.: todas as notas seguintes são do tradutor ou do editor original da obra. As poucas notas de Orwell foram incluídas ao longo do texto do próprio ensaio.

[1] Orwell se refere à chamada “Noite dos Longos Punhais”, no fim de junho de 1934, quando a facção do Partido Nazista comandada por Hitler realizou uma série de execuções extrajudiciais, visando os seguidores de seus opositores. [[voltar](#)]

[2] Pastinaca [*parsnip*, em inglês] é uma raiz de cor amarelada, parente da cenoura. Assada, ela é bastante popular na Inglaterra. Tem um sabor pronunciado, difícil de descrever (alguns já descreveram como uma mistura de “aniz” e “salsão”). [[voltar](#)]

[3] Não portar armas de fogo é uma característica essencial da Metropolitan Police (que responde pela região de Londres) desde que ela foi criada, em 1829. No início, alguns policiais tinham armas. Mas, após 1936, apenas oficiais com treinamento específico passaram a usar armas de fogo (em 2014 eles ainda eram restritos a cerca de 5% do contingente). [[voltar](#)]

[4] Óleo utilizado em torturas, por via oral. Era relativamente comum em ditaduras da época. [[voltar](#)]

[5] Movimento ocorrido na realidade em 1919, organizado pelos socialistas ingleses, e que combatia o apoio do governo aos chamados “russos brancos”, que combatiam o novo regime bolchevique. [[voltar](#)]

[6] Respectivamente: um grande empresário e um grande banqueiro da época em que o ensaio foi escrito, em plena Segunda Guerra (1941).

[[voltar](#)]

[7] Orwell se refere a movimentos pacifistas e antimilitaristas de sua época, justamente os que incentivavam que as pessoas se recusassem a se alistar no exército. No original, ele utiliza o termo “Conscientious Objectors” (algo como “Objetores de Consciência”), que preferi omitir em prol da fluidez da leitura. [[voltar](#)]

[8] Referência a uma passagem do *Novo Testamento* da *Bíblia* onde uma manada de porcos se atira no mar, do alto de um precipício, após serem possuídos por demônios. Todos os porcos morreram. [[voltar](#)]

[9] Referência a uma famosa canção de ninar inglesa, que se inicia mais ou menos assim:

*A Ponte de Londres está caindo,
está caindo, está caindo.
A Ponte de Londres está caindo,
minha bela dama.*

[[voltar](#)]

[10] Lord Beaverbrook era o dono do jornal *Daily Express*. Já Lord Rothermere, além de um político conservador, era o dono do jornal *Daily Mail*. [[voltar](#)]

[11] Orwell traz os dois últimos versos de *Spain* [Espanha], poema de W. H. Auden, escrito durante a Guerra Civil Espanhola. Ele substituiu o verbo “ajudar” [*help*] por “alterar” [*alter*]. No original:

*History to the defeated;
May say: Alas but cannot help or pardon.*

[[voltar](#)]

[12] Sir Oswald Ernald Mosley foi um dos principais líderes da extrema-direita fascista da Inglaterra e também um ativista contra a participação britânica no início da Segunda Guerra Mundial, tendo sido fundador da União Britânica de Fascistas (UBF), entre outros partidos. [[voltar](#)]

[13] Os indianos chamavam os ingleses de sahib, que significa: senhor, patrão, superior, chefe etc. Esse hábito ainda continua a ser usado até hoje como forma de subserviência entre patrão e empregado, superior e subalterno, como herança dos tempos de colônia inglesa. Porém, alguns indianos detestam ouvir e pronunciar essa palavra. [[voltar](#)]

[14] Escrito antes da eclosão da guerra na Grécia (Nota do editor original). [[voltar](#)]



**Esta foi uma edição
Textos para Reflexão,
obrigado pela sua leitura.**

Para mais obras de grandes autores pelo preço de um café, busque por “textos para reflexão” na mesma loja em que comprou este livro digital. Visite-nos também em facebook.com/textosparareflexao

Este é o nosso catálogo completo (lançamentos até 11/2021):

Filosofia

Assim falou Zaratustra, de Friedrich Nietzsche

O manual para a vida, de Epicteto

A Arte da Guerra, de Sun Tzu

A vontade de crer, de William James

O Príncipe, de Nicolau Maquiavel

A Metafísica do Amor e outras reflexões, de Arthur Schopenhauer

Meditações, de Marco Aurélio

Literatura

O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry

Fausto, de Johann Wolfgang von Goethe

A Metamorfose, de Franz Kafka

Dom Casmurro, de Machado de Assis

Cartas a um jovem poeta, de Rainer Maria Rilke

O Sítio do Picapau Amarelo – Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato

Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll

O Chamado de Cthulhu, de H. P. Lovecraft

A Revolução dos Bichos, de George Orwell

1984, de George Orwell

Poesia

Navegar é preciso, de Fernando Pessoa
Toda poesia de Alberto Caeiro, de Fernando Pessoa
Rumi – A dança da alma, de Jalal ud-Din Rumi
Poemas de Álvaro de Campos, de Fernando Pessoa
O Profeta, de Khalil Gibran
Gitanjali: Oferenda Lírica, de Rabindranath Tagore
Cancioneiro, de Fernando Pessoa
Rumi – Além das ideias de certo e errado, de Jalal ud-Din Rumi

Espiritualidade

Tao Te Ching: O Livro do Caminho e da Virtude, de Lao Tse
Os Evangelhos de Tomé e Maria
A Voz do Silêncio, de Helena Blavatsky
Bhagavad Gita – A sublime canção da Grande Índia
O Caibalion: uma iniciação ao hermetismo
Luz no Caminho, de Mabel Collins
Dhammapada: O Caminho do Dharma
O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda, de Leal de Souza
Introdução ao Yoga, de Annie Besant

Outros

A Origem das Espécies, de Charles Darwin
O Leão e o Unicórnio: O socialismo e o gênio inglês, de George Orwell

Nossos autores

Ad infinitum: Um diálogo sobre o Tudo, de Rafael Arrais
Tudo será Céu, de Rafael Arrais
O Grande Computador Celeste, de Marcelo Del Debbio
49 noites antes da Colheita, de Rafael Arrais
O Livro da Reflexão, vol.1: Amar e perder, de Rafael Arrais
O Livro da Reflexão, vol.2: A roda dos deuses, de Rafael Arrais
O Livro da Reflexão, vol.3: As lições da ciência, de Rafael Arrais
O Livro da Reflexão, vol.4: A medida de todas as coisas, de Rafael Arrais
A espiritualidade do dia a dia, de Marco Marcon e Rafael Arrais
A educação de Casanova, de Rafael Arrais

Entre a Esquerda e a Direita: Uma reflexão política, de Alfredo Carvalho,
Igor Teo e Rafael Arrais
Laroyê, de Lucy Fidelis e Roe Mesquita
O Caminho da Natureza: A Filosofia do Taoismo, de Igor Teo
Questões para a Vida e a Morte, de Taoana Padilha, Caio Ribeiro Chagas,
Igor Teo e Rafael Arrais
Karanblade, Livro 1: O Urso, de Rafael Arrais
Filosofia do Vazio, de Igor Teo
Dias e Noites Inacabados (série de contos), de Igor Teo
Mulheres que inspiram, de Natalia Bemfeito, Taoana Padilha, Aline
Ramos, Júlia Rena e Rafael Arrais
Como Freud interpretava os sonhos, de Igor Teo
O gozo espiritual em São João da Cruz, de Igor Teo
Me chamaram de louca, de Taoana Padilha e Igor Teo